

# COMUNIDADE WESLEYANA

um espaço dedicado à Educação Cristã, o discipulado e a Teologia.

## VISITANTES ON LINE

usuários online

## ESTADISTA DA FÉ



John Wesley (1703 - 1791), Fundador do movimento metodista.

## JOHN WESLEY, ESTADISTA E REFORMADOR

Por que descrever Wesley como *estadista* e não apenas como um herói da fé como fez Orlando Boyer? Excesso de zelo ou fanatismo idólatra?

Nenhuma das duas coisas. O termo estadista não se aplica somente apenas a quem é delegada a fundação de gerir a coisa pública, mas a todo aquele que exerce uma posição de influência e liderança em sua sociedade, seja ele um político, um intelectual, um sacerdote ou uma liderança comunitária, como disse o economista austríaco Friedrich von Hayek. Em suma, o estadista é quem efetivamente cuida e zela pelo bem comum. E não há coisa que mais diz respeito ao bem comum que a saúde e o crescimento da Igreja de Cristo em nosso país em particular e no mundo como um todo.

Wesley viveu um tempo de transformação, fronteiro à Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Era um homem profundamente piedoso da vida espiritual e das necessidades materiais de seu povo. Sua preocupação pelos desassistidos é lendária e mesmo que tenha incorrido em alguns equívocos de visão é fato de que tal preocupação e o extremoso amor cristão

que ele devotava ao próximo contribuíram

segunda-feira, 9 de novembro de 2009

## O QUE É TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO III



O teólogo presbiteriano norte-americano Richard Shaull (1919 - 2002)

### A Teologia da Libertação protestante – pastoral e produção teológica

O próprio caráter fragmentário do protestantismo faz com que a ação pastoral e a produção teológica especificamente enfocada segundo os fundamentos da Teologia da Libertação sejam bastante diversificadas conforme a igreja. Mas de um modo geral é certo que tanto uma como outra se encontram situadas em segmentos bastante específicos e perfeitamente demarcados pelas influências doutrinárias recebidas a partir do contato com o Evangelho Social o que faz com que os metodistas, os batistas, os luteranos e os presbiterianos liderem a ação pastoral de âmbito social no continente latino-americano em geral e no Brasil em particular.

De modo geral a atuação dos metodistas, como se pode avaliar pelo seu Credo Social (1908) e a dos luteranos é mais politizada. Entre os batistas, pelas próprias características do sistema congregacional, podem ser encontrados tanto elementos mais situados à esquerda como o pastor e professor da Faculdade Teológica Batista de S.Paulo, Jorge Pinheiro, como aqueles mais conservadores como o antigo pastor da I Igreja Batista do Rio, João Filson Soren (1908 - 2002) que durante o Regime Militar insistiu no caráter eclesial e cristológico da missão da Igreja [1] ou ainda o pastor e professor da Faculdade Teológica Batista Luiz Sayão, mas de uma maneira geral podemos dizer que a ênfase evangelista dos batistas pulverizou qualquer possibilidade de engajamento ideológico, ao contrário dos luteranos e dos metodistas cujo sistema episcopal privilegia ações coordenadas de forma homogênea e unitária, e pela própria dinâmica política do seu engajamento contempla as ações mais institucionais.

Contudo, essas quatro denominações, independentemente do modo como se envolvem na questão social, estão na dianteira dessas ações, especialmente na área educacional (Colégios Batistas de Belo Horizonte e Recife, Instituto Metodista Bennett do Rio, Colégio Presbiteriano Mackenzie em S.Paulo. Universidades Metodistas de S.Paulo e Piracicaba e Universidade Presbiteriana Mackenzie, em S.Paulo) médica e serviço social (Instituto Central do Povo da Igreja Metodista, no Rio de Janeiro; Lar Batista David Gomes em Barreiras, no sertão baiano, etc).

A produção teológica assim como a atividade pastoral propriamente dita, também se encontra monopolizada entre teólogos batistas (o brasileiro Jorge Pinheiro dos Santos), presbiterianos (o brasileiro Rubem Alves, cuja *Teologia da Libertação* de 1968 antecipou muitas reflexões do bispo católico peruano Gustavo Gutiérrez) e o norte-americano Richard Shaull), metodistas (o cubano Justo Gonzalez; o argentino José Miguez Bonino e o uruguaio Emílio Castro) e luteranos (os brasileiros Walter Altmann e Milton Schwantes). Grande parte da reflexão da teologia da libertação latino-americana passa fundamentalmente por esses autores. Essa diversidade confessional e a

necessidade de caminhar forçosa numa interação conjunta que supera as

que ele devotava ao próximo contribuíam para a Inglaterra se livrar do holocausto de sangue que foi a Revolução Francesa. Homem culto, que soube como poucos conciliar a fé prática e a vida espiritual com a erudição - secular e bíblica - mantendo-se firme na fé no exato momento da eclosão do movimento iluminista, Wesley não apenas compreendeu as mudanças do seu tempo, como participou ativamente delas. Nisso também reside a ação do estadista: ele acompanha as mudanças do seu tempo e orienta os seus liderados a se prepararem e atravessarem o cabo das tormentas. Quem não exerce esse magistério, seja dentro ou fora da igreja, não pode ser chamado de estadista.

Além disso, sua ênfase na efetiva conversão do crente o tornava um pregador que apenas tomava o púlpito para dizer aquilo que efetivamente Cristo espere que um ministro diga à Igreja, ou seja, a sua mensagem, o testemunho do seu amor pela humanidade e da sua morte expiatória por todos os homens. Nesse sentido ele também foi um estadista porque ao se posicionar como um testificador de Cristo para a sua geração - e de fato, nada mais do que isso - ele assumiu um papel descrito em Ageu 1.13 como sendo o de embaixador do Senhor. Duro ofício esse.

Assim, quando chamamos Wesley de estadista, não é de forma alguma para idolátrá-lo. A Igreja teve vários estadistas sendo certamente Paulo o primeiro e o maior deles por ter vivido e testificado Cristo até o fim (II Timóteo 4.6). Wesley, como Lutero, foi apenas mais um deles, e na verdade, poder-se-ia dizer que foram tão somente discípulos daquele: *Sede meus imitadores como também eu sou de Cristo* (I Coríntios 11.1).

Edson Douglas de Oliveira.

## A igreja em que congrego. Igreja Metodista Wesleyana COHAB II S.Paulo SP



IMW Cohab II em 2003.



IMW Cohab II em 2009

COMUNIDADE

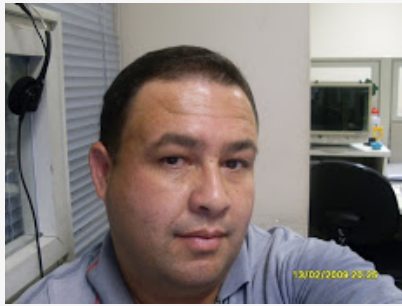
necessidade de somarem forças numa interação conjunta que supere os dogmatismos – que na verdade já foram superados na medida em que tanto na teologia católica quanto na protestante o que se busca é a práxis – explica as simpatias ecumênicas facilmente verificadas entre os teólogos protestantes da libertação tal como nos católicos. Uma vez deixando o dogma de ser referencial de identidade cristã e emergindo a práxis, as questões doutrinárias, quer as que separam católicos e protestantes, quer as que põem em colisão contínua metodistas e presbiterianos, luteranos e batistas, deixam de existir em favor de um discurso unificado aonde a unidade é buscada a partir das experiências da práxis pastoral que excedem as fronteiras denominacionais. A verdade como um patrimônio firmado na Bíblia é rejeitada por ser considerado impossível qualquer encontro com ela no dogma, e apenas a práxis fundamentada na reflexão empírica e colocada em prática com a experiência cotidiana, podem de fato unificar as diferentes correntes em busca de objetivos comuns, o que explica o sucesso do ecumenismo entre eles.

O envolvimento dos confessionais luteranos com a Teologia da Libertação é talvez o mais radical dentre as denominações que são simpáticas à essa teologia uma vez que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) adotou oficialmente a Teologia da Libertação em seu discurso teológico e atividade pastoral, fazendo com que houvesse um envolvimento cada vez maior da liderança eclesiástica e dos teólogos luteranos com esse movimento e o ecumenismo. Mais recentemente, a fim de se buscar um equilíbrio hermenêutico entre o discurso dogmático e confessional e a práxis libertadora, foram feitas tentativas de leitura da herança clássica luterana na perspectiva latino-americana. Uma iniciativa nesse sentido e que pode ser considerada até certo ponto bem sucedida em suas pretensões foi aquela empreendida por Walter Altmann em *Lutero e Libertação*. Altmann, ligado à Escola Superior de Teologia, EST de S.Leopoldo, RS, trabalha conceitos típicos da teologia tradicional como a idolatria, a espiritualidade, profecia e liberdade, mas sob uma chave nova, uma hermenêutica totalmente voltada para a teologia dos oprimidos. Para Altmann

*Deus é a crítica mais radical de todos os ídolos que querem ideologicamente acobertar um sistema causador de sofrimento humano e morte, ou preservar as mortíferas injustiças estabelecidas através de compensações intimistas ou no além, garantindo assim, o ajustamento das pessoas à realidade opressora. (...) Nesse sentido, Cristo é, indubitavelmente, nos evangelhos, o consolo para os pobres e contestador dos poderosos.[2]*

Milton Schwantes, professor do programa de pós graduação da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de S.Paulo, em S.Bernardo do Campo, é sem dúvida um dos maiores especialistas brasileiros em exegese do Antigo Testamento, e também um dos mais ecumênicos. Aliás, Teologia da Libertação e Ecumenismo são as palavras-chaves para se entender a evolução do pensamento teológico de Schwantes iniciada ainda na Alemanha com sua tese de doutorado "O Direito dos Pobres", ao mesmo tempo um exercício exegético e um reflexo das influências teológicas do contexto ideológico da época na qual a Teologia da Libertação se achava em evidência. Como ele diz em sua entrevista ao site Amai-vos,

**Milton Schwantes** *A tese aborda o sentido social do conceito pobre. O que é sociologicamente o pobre e em que sentido ele tem direito? O que quer dizer, neste caso, direito? Direito, no caso da cultura semita, significa aquilo que corresponde a alguém que tem necessidade de obter coisas da sociedade. Este seria o significado político do termo hebraico que costumamos traduzir por direito. O pobre tem, pois, o direito também de receber comida e uma terra da sociedade. O direito é o de obter da sociedade o apoio na necessidade e na crise, em meio aos parentes e à comunidade. Igualmente quis saber quem são exatamente os pobres. O termo pobre é usado no Antigo Testamento e na Bíblia de modo diferente do que nós o usamos. Nós damos aos pobres o sentido de carentes. A Bíblia o entende como quem tem o*



## NOSSOS PRINCÍPIOS.

Colaborar na aproximação da Teologia e da linguagem teológica do público comum. Despertar o sentido de aprendizado na comunidade cristã e demonstrar que o aprender em nada está desincompatibilizado da vivência da fé. Discutir a fé cristã de forma ampla e apologética, procurando assim testemunhar não apenas o Cristo da Bíblia ou do Dogma, mas o Cristo que vive e que pode ser demonstrado, recebido e crido na Ciência e na História, que faz parte do dia-a-dia das pessoas. Discutir e apresentar propostas para a solução dos graves problemas em que vive hoje a igreja e que lhe tem impedido de proclamar o evangelho e a missão de Cristo e forma mais contundente e dinâmica. Formação de um público cristão consciente do seu chamado, do seu ministério e do que Cristo quer de sua vida. Preocupação com a informação e educação cristã Respeito e fidelidade aos princípios confessionais de nossa denominação (Igreja Metodista Wesleyana) Respeito às diferenças confessionais.

## Postagens populares



RESENHA DO MÊS: O Corvo, Edgar Allan Poe

Daguerreótipo de 1845 de Edgar Allan Poe (1809 - 1849)

O Corvo ( The Raven ), poema de Edgar Allan Poe é uma das mais produ...

(1809? - 1849)



DICIONÁRIO TEOLÓGICO: Antinomismo

Nicalaus Ludwig von Zinzendorf, conde de Zinzendorf, senhor de Zinzendorf e Pottendorf

(1700 - 1760). O Antinomismo (gr.

Anti=contra;...



A TEOLOGIA DO SÉCULO XX: Albert Schweitzer

Introdução Schweitzer, capa da Life. Fevereiro de 1965 Dos teólogos o século XX, Albert Schweitzer é talvez

aquele com quem o públi...

A TEOLOGIA DO SÉCULO XX:

*direito de reivindicar os direitos sociais garantidos. Na tradição bíblica, um pobre não pede (não é pedinte), mas exige sua parcela da sociedade.*

*Exigir sua parte da sociedade é típica formulação da Teologia da Libertação a partir do momento em que concebe o pobre como o "oprimido" que precisa de ferramentas adequadas (no âmbito estritamente teológico, nesse caso, a própria Bíblia) para se libertar da opressão e da injustiça. Na mesma entrevista, Schwantes explicita outros aspectos do seu pensamento sobre ecumenismo e Teologia da Libertação.*

**IHU On-Line** - *Como a teologia da libertação ajudou ou ajuda na interpretação da Bíblia?*

**Milton Schwantes** - *A "teologia da libertação" situa-se para mim na continuidade da teologia da revolução. Encontrava-me em estudos doutorais em Heidelberg, quando Gustavo Gutiérrez publicou sua obra. E, dizendo-o de modo abreviado, a magnífica obra da teologia da libertação inicialmente tende a apresentar uma dificuldade que já se podia observar na teologia da revolução: ambas enfocam principalmente os quadros da própria igreja, seus colaboradores mais diretos, bispos, padres, pastores, irmãs e irmãos de congregações. Inicialmente também a teologia da libertação é de quadros e não do povo. Sim, o livro de nosso querido Gustavo Gutiérrez é uma reflexão para os bispos e teólogos, e, a rigor, não tanto para o povo. Cita muitos autores europeus e franceses, situando-se ainda em parte, no âmbito da teologia "importada". A reflexão popular ainda não iniciou, de verdade e com força. A reflexão é antes sobre o povo, mas não popular. Assim, o livro da Teologia da Libertação é tão espetacular quanto frágil. Penso que grande passo inovador e exemplar, culturalmente revolucionário é a segunda grande obra de Gustavo Gutiérrez: "Teologia a partir dos pobres" (1978). Essa reflexão completa a primeira e coloca a nova teologia em seu devido foco: os pobres como sujeitos teológicos. Este enfoque implica numa maravilhosa conversão: a igreja precisa ouvir os pobres, mulheres, crianças e homens, para poder teologizar. Sem escuta não há libertação. Na teologia da libertação, em seu sentido profundo, a Igreja é aprendiz do caminho dos empobrecidos. Estes, os últimos, são de verdade os primeiros. Entendo, pois, que nesta sua versão a partir de 1978, a teologia toda dá uma virada, encontra seu eixo, sua tarefa própria, a de ser seguidora de Jesus nos caminhos das manjedouras e das cruzes, das vidas sofridas e destruídas de nossos países. Quem tem vida são as "vidas secas". Dá-se uma virada radical e definitiva na vida teológica latino-americana. Passa a experimentar-se que os pobres são eixo de tudo. Antes a Igreja modernizada e mundanizada, a do aggiornamento, era o eixo de tudo. Em 1978, Gustavo Gutiérrez alcançou formular a grande inovação que é o que de verdade impacta: não se trata de modernizar a Igreja, mas de retornar às manjedouras. Penso que estas luzes, que a teologia nos foi dizendo naqueles anos, continuam sendo nossas luzes. E o ciclo da teologia da libertação não está concluído, pois das luzes da manjedoura da pobreza de Belém e do crucificado emerge a profundidade da vida. O desafio permanece. E este está delineado em Teologia a partir dos pobres. Os cânticos nascidos deste desvendamento teológico, desta coragem de ver a verdade cristológica carregam nossa vida de fé. Dia a dia, Jesus nos arranca da morte para que, com alegria, vivamos com nosso próximo, pobre e destituído da vida em nossa América Latina. Nas terras latino-americanas, não se pode viver sem ser militante de uma fé centrada nos pobres.*

**HU On-Line** - *Haveria uma crise da Igreja hoje?*

**Milton Schwantes** - *A crise se refere, a meu ver, à tarefa pastoral. Sem coração pelo social, a pastoral esfarela-se, esmigalha, despedaça-se. Movimento eclesial nenhum faz jus às terras brasileiras, se não tiver uma intuição social clara. Eis a crise das paróquias. Nelas, assim me parece, tende a esquecer-se de animar pessoas para a presença maciça nas periferias. Os pobres, aquele cinturão de empobrecidos que faz aumentar os cinturões ao redor das cidades, continua sendo prioridade. Nas periferias, não pode faltar mão-de-obra pastoral.*

**IHU On-Line** - *Quais as perspectivas do diálogo inter-religioso?*

**Milton Schwantes** - *Não me parece muito tempo "diálogo inter-religioso"*



A **TEOLOGIA DO SÉCULO XX:**  
Emil Brunner

O teólogo suíço Emil Brunner (1889 - 1966) Em 1928 Emil Brunner, recentemente nomeado professor de

Dogmática da Universidade de Zurique...



A **TEOLOGIA DO SÉCULO XX:**  
Jürgen Moltmann

Introdução O teólogo alemão Jürgen Moltmann O teólogo alemão reformado Jürgen Moltmann é, sem

dúvida, dos pensadores europe...



A **TEOLOGIA DO SÉCULO XX:**  
Paul Tillich

A Primeira Guerra Mundial exerceu uma influência poderosa na teologia de Paul Tillich. (soldados alemães

abatidos em Verdun, abril/maio de 1...



**DICIONÁRIO TEOLÓGICO:**  
Numinoso

O teólogo e cientista da religião Rudolf Otto (1869 - 1937) em Marbugo (1936) O termo Numinoso foi cunhado pelo teólogo e filósofo da re...

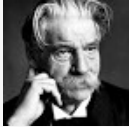
pelo teólogo e



**DICIONÁRIO TEOLÓGICO:**  
Ultramontanismo

O papa Pio IX (Giovanni Maria-Mastai Ferretti), papa de 1846 a 1878 e beatificado pelo papa João Paulo II em

2000. O Ultramontanis...



**AS 10 PRINCIPAIS OBRAS TEOLÓGICAS DO SÉCULO XX:**  
1º parte.

Esta lista de livros teológicos não tem a pretensão de ser definitiva. De uma forma

geral ela se fundamenta, sobretudo, nos currículos de fa...



**TEOLOGIA DO SÉCULO XX:**  
Rudolf Bultmann

O teólogo alemão Rudolf Bultmann (1884 - 1976) Estamos diante de uma heresia, tanto mais perigosa

quanto suas conseqüências são aceitas p...

RELOJES FLASH

## ÚLTIMOS POSTS

A **TEOLOGIA DO SÉCULO XX:** Jürgen Moltmann - 14 de janeiro de 2013

**DICIONÁRIO TEOLÓGICO:** Evangelho de João - 11 de janeiro de 2013

**ARTIGO ESPECIAL:** O Brasil Evangélico. Que significa isso? - 10 de janeiro de 2013

**DICIONÁRIO TEOLÓGICO:** Ética - 8 de janeiro

**Milton Schwantes** – *Naõ me agrada muito o termo "diálogo inter-religioso", quando se pretende diferenciá-lo de ecumenismo. Ecumênico seriam as aproximações entre igrejas e tradições cristãs, enquanto "diálogo inter-religioso" seria a atividade ecumênica com não-cristãos. Pode-se acentuar tais diferenças por questões práticas, mas em seguida há que voltar a insistir em que em Deus todos e tudo se encontra. Aí não há departamentos. Logo, sou dos que têm criticado essa linguagem, em que o ecumênico reúne igrejas cristãs e em que o inter-religioso convoca pessoas religiosas de boa índole. Penso que o diálogo entre as igrejas sempre é uma forma do diálogo inter-religioso, não cria uma outra categoria. Prefiro designar também todo diálogo inter-religioso de ecumênico. Ambos têm a mesma qualidade. Afinal, no diálogo, seja ele ecumênico ou inter-religioso, queremos experimentar Deus, em sua compaixão com a humanidade e sua criação. Temos diversas experiências deste encontro com Deus, mas todas elas se complementam. O protestante e o católico se complementam ao buscarem o convívio ecumênico. Ambos se alteram! E ambos também encontram a si mesmos no outro. Ora, o encontro ecumênico com os muçulmanos nos permite dar novos passos de mútua admiração e alteração no que se chamaria de atividade inter-religiosa*[3] .

### O exegeta luterano brasileiro Milton Schwantes.

Sem dúvida, porém, é negável que toda a Teologia da Libertação latino-americana foi profundamente influenciada pelas idéias do teólogo presbiteriano Richard Shaull (1919 – 2002). A contribuição do missionário e teólogo presbiteriano Richard Shaull ao desenvolvimento de uma teologia da libertação na América Latina em geral e no Brasil em particular, se dá ainda nos anos 50, como lembra o reverendo Alcides Nogueira da IPB que em termos políticos e teológicos é, no mínimo, tão conservador quanto o pastor assembleiano: *Não foram poucos os cristãos que aceitaram o desafio comunista e estão desesperados porque a igreja não está totalmente empenhada na luta social, tentando conduzir as massas trabalhadoras ao destino apontado pelo Marxismo. Em nosso país, essa preocupação já se vem tornando notada e grandemente estimulada por uma publicação vinda à luz, nos meios evangélicos, em 1953, de autoria do Dr. Richard Shaull intitulada O Cristianismo e a Revolução Social. O Dr. Shaull, não obstante a sua cultura e a força do seu raciocínio que o destacam como pensador de mérito, incide em erros que nos parecem de graves conseqüências. A sua obra extravasa um pessimismo insopitável em relação ao cristianismo e apresenta a igreja como se fosse o poder civil destinado a conter o comunismo com todas as suas reivindicações sociais.*[4] Aliás – e, diga-se de passagem, sem muita honestidade acadêmica – o reverendo presbiteriano já usava a terminologia que mais rotularia a vertente evangélica da teologia da libertação como sendo vinculada ao Conselho Mundial de Igrejas, sinal inequívoco de que, por detrás do projeto socialista estaria mesmo a união entre todas as igrejas e religiões

[5] . Rubem Alves que como poucos têm autoridade suficiente para falar não só de Shaull mas de todo o contexto político e teológico da época em que o teólogo norte-americano concebeu suas idéias, descreveu muito bem a influência do teólogo estadunidense na Teologia da Libertação latino-americana.

*Lembro-me perfeitamente bem: encontramos-nos pela primeira vez na Avenida Brasil, próximo ao cruzamento com a rua Frei Antônio de Pádua. Era o ano de 1953. As casas eram poucas, os eucaliptos eram muitos. Não falava português; falava espanhol. Havia sido expulso da Colômbia, por ordens da*



de 2013

Ponto de vista Janeiro 2013: O Debate Ético sobre o Julgamento do "Mensalão" - 7 de janeiro de 2013

## Postagens

- ▶ 2013 (5)
- ▶ 2012 (39)
- ▶ 2011 (65)
- ▶ 2010 (60)
- ▼ 2009 (85)
  - ▶ Dezembro (7)
  - ▼ Novembro (5)
    - DICIONÁRIO TEOLÓGICO: Constantinianismo
    - O QUE É TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO III
    - PONTO DE VISTA Novembro 2009: Aonde Chegamos? (sob...)
    - DICIONÁRIO TEOLÓGICO: Tessalonicenses
    - O QUE É TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO II.
  - ▶ Outubro (13)
  - ▶ Setembro (9)
  - ▶ Agosto (12)
  - ▶ Julho (9)
  - ▶ Junho (2)
  - ▶ Maio (5)
  - ▶ Abril (8)
  - ▶ Março (1)
  - ▶ Fevereiro (2)
  - ▶ Janeiro (12)
- ▶ 2008 (42)

## Quem sou eu? Edson Douglas de Oliveira



Professor Edson Douglas de Oliveira

Sou formado em História pela Universidade Camilo Castelo Branco e professor da rede municipal da cidade de São Paulo, mas também posso dizer que sou uma pessoa que está permanentemente em formação. e-mail para contato: edsonpublisher@hotmail.com

[Visualizar meu perfil completo](#)

## Seguidores

[Participar deste site](#)

Google Friend Connect

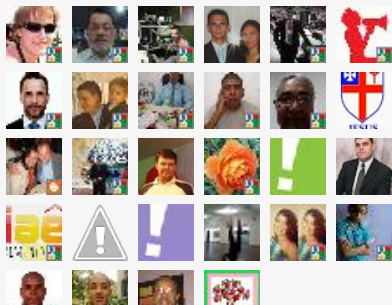
*hierarquia católica. Uma igreja construída sobre verdades e proibições não pode suportar a presença de alguém que ensina dúvidas e liberdade. Viera então para o Brasil como professor do Seminário Presbiteriano, à avenida Brasil, 1.200. Se me perguntarem: "O que foi que você aprendeu com ele?" – a resposta é simples: "Dick Shaul me ensinou a pensar." Lembro-me de uma prova que fiz em uma de suas disciplinas. Eu estava certo de que teria 10, porque a prova tinha sido completa, perfeita. Mas ganhei um 9.0. Fui reclamar. Aleguei que havia escrito precisamente o que ele havia dito nas aulas. Ele me respondeu: "Por isso mesmo. Você apenas repetiu o meu pensamento. Lendo a sua prova eu não aprendi nada. Eu esperava encontrar na prova o seu pensamento..." Profetas não são videntes que anunciam um futuro que vai acontecer. Profetas são poetas que desenham um futuro que pode acontecer. Profetas sugerem um caminho. Richard Shaul falava de futuros com que nós nunca havíamos sonhado. Ele via o que ninguém mais estava vendo. Em seis meses ele já sabia muito mais sobre o Brasil do que eu. Foi ele que me apresentou a um catolicismo inteligente. Sugeriu que eu lesse "A Descoberta do Outro" e "Lições de Abismo", livros dos anos de lucidez de Gustavo Corção. Foi através dele que fiquei sabendo dos movimentos de renovação que silenciosamente fermentavam dentro da Igreja Católica, a renovação bíblica, a renovação litúrgica, movimentos esses que haveriam de influenciar profundamente o Papa João XXIII – de saudosíssima memória! – e o Concílio do Vaticano II. Pensador profundamente mergulhado na tradição da Reforma Protestante (celebrada no dia 31 de outubro, data em que Lutero afixou suas "95 Teses", às portas da catedral de Wittenberg), ele nos ensinou a lição fundamental de teologia: "O problema do céu, Deus já o resolveu por nós. Não há nada que tenhamos de fazer. Resolvido o problema do céu, estamos livres para cuidar da terra, que é o nosso destino..." Shaul tinha visões de um mundo diferente. Foi o primeiro que me falou da responsabilidade social dos cristãos. Se, para a igreja tradicional o mundo era o lugar da perdição do qual os cristãos deveriam fugir – foi isso que os monges fizeram –, para Shaul o mundo era o lugar da nossa vocação. É preciso estar presente no mundo para que ele se renove, ele dizia. Essa palavra, "presença": como era importante no seu pensamento! E foi assim que ele liderou um projeto impensável: um grupo de seminaristas, durante as férias, trabalhando como operários numa fábrica na Vila Anastácio, em São Paulo. A inspiração para esse projeto veio de um movimento católico, os "padres operários" que, na França, resolveram parar de esperar que os trabalhadores fossem à igreja, e foram, eles mesmos, até onde eles viviam: as fábricas. Sem o saber, Shaul estava lançando as sementes da "teologia da libertação" [6].*

O mesmo também atesta Milton Schwantes, que como Rubem Alves também é um dos expoentes da Teologia da Libertação brasileira e latino-americana:

*A teologia da libertação foi vivida, por nós, como fonte de água fresca. Corresponhia a um anseio que vivíamos, naqueles dias, no País, ocupado por militares desde 1964, e por teologias importadas em línguas estrangeiras. A teologia da revolução, formulada já nos anos 1950 e aprofundada nos anos 1960 por Richard Shaul, um teólogo norte-americano que atuou entre outros no seminário teológico presbiteriano de Campinas (SP), era muito lida entre nós, protestantes. Nos anos 1960, antes e durante o Concílio Vaticano II, o mundo protestante teve uma teologia que não se tornou muito conhecida pelos católicos. Nós a chamamos de "teologia da revolução". O conceito vinha deste teólogo e ético, Richard Shaul, professor em Campinas. Ele influenciou, com sua corrente inovadora, o movimento de jovens estudantes de teologia. [7]*

A influência de Shaul sobre a teologia protestante latino-americana em geral e a brasileira em particular foi poderosíssima, e até mesmo superestimada como se nota aqui, mas que mesmo nesse caso não deixa de evidenciar o poder do seu pensamento na formação de uma teologia que se pretendesse

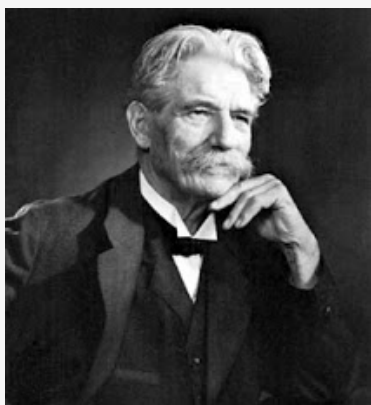
Membros (138) Mais »



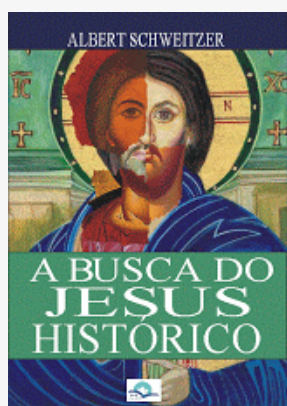
## AS DEZ PRINCIPAIS OBRAS DO SÉCULO XX

As principais obras teológicas do século XX e seus autores.

### Albert Schweitzer (1875 - 1965)



### A BUSCA DO JESUS HISTÓRICO (1906)



### Rudolf Otto 1869 - 1937)



identificar com os "oprimidos". Na verdade, coube a um discípulo de Shaul, e presbiteriano como ele, a provável paternidade do movimento. Este é ninguém menos que o intelectual brasileiro Rubem Alves. Aluno de Richard Shaul no Seminário de Campinas (SP), Alves transformou-se num dos mais importantes e polêmicos teólogos protestantes da atualidade. Atualmente afastado do labor teológico, ele é considerado o pai do termo Teologia da Libertação. Fora do país devido ao golpe militar de 1964, Alves exilou-se nos Estados Unidos, publicando em 1968 a tese "Teologia da Libertação. O trabalho tornou-se um marco - foi a primeira vez que a expressão "libertação", hoje tão em voga e descaracterizada, foi empregada em uma obra teológica. Com este trabalho, Rubem Alves antecipou muitas das idéias mais tarde defendidas por pensadores católicos como Gutiérrez e Hugo Assman [8] . Por essa razão, e também pela influência precedente do Evangelho Social na formação da Teologia da Libertação protestante, não podemos de forma alguma acompanhar o pastor assembleiano Silas Daniel que insiste em dizer que a Teologia da Libertação é produto da Teologia da Esperança de Moltmann [9] . Se ele falasse em termos de uma inter-relação até aí tudo bem, porque de fato ambas as teologias surgiram num momento de profundas comoções históricas e sociais e a partir dos anos 70 dialogarão continuamente embora nem sempre de forma amistosa. Mas daí dizer que a teologia da esperança influenciou a teologia da libertação, isso é algo com o qual não podemos concordar porque não tem base nem na história secular, nem tampouco na história da teologia latino-americana.

### Richard Shaul

Toda a reflexão teológica de Shaul é tomada por base em seu contato com a realidade da América Latina primeiro como missionário na Colômbia (1942 - 1950) e depois no Brasil (1952 - 1962) onde atua como professor no Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas (SP), época em que ali estudava Rubem Alves. Além da atividade docente, Shaul promoveu intercâmbios entre estudantes e operários de S.Paulo e colóquios de cunho ecumênico com os frades dominicanos o que criou uma situação de desgaste tão grande que resultou no seu imediato retorno aos EUA e um maior policiamento do presbitério com expulsões de seminaristas e pastores recalcitrantes nos anos seguintes. Tudo isso em decorrência da reflexão teológica do teólogo presbiteriano com base num contínuo diálogo entre a tradição protestante em geral e a reformada em particular, com o marxismo.

Em um escrito do final dos anos 60, Richard Shaul descreve magistralmente o delicado momento vivido: *progressos recentes em nossa sociedade tecnológica levaram o homem a um novo estágio em sua luta para criar condições mais favoráveis para a vida através da ordenação de sua existência social. Males sociais antes aceitos como inevitáveis, podem agora ser superados pelo esforço humano organizado. Temos os recursos e o poder para criar o tipo de sociedade que desejamos. Além do mais, os avanços tecnológicos serviram para acordar todas as classes e raças, pelo mundo afora, para as novas possibilidades à sua frente, criando assim um estado de alma de esperanças em ascensão, especialmente entre os desprovidos.* [10] Todavia, a despeito dessas mudanças, a transição para uma sociedade sem conflitos ainda não está ao alcance de mão [11] . Uma vez implementada a idéia da esperança (interessante que Shaul abora o conceito de esperança a partir da leitura de Ernst Bloch e Karl Jaspers, entre outros, e não cita Jürgen Moltmann) [12] é que se torna inerente ao homem no momento em que ele toma consciência de que vive um ciclo de transformações, e uma vez que compreenda que os instrumentos que essa sociedade dispõe podem, na verdade, criar ainda mais dominação e opressão, apenas resta ao homem ou aceitar a resignação ou adentrar no desespero (Kierkegaard). [13] A revolução se torna uma prioridade, quase uma necessidade, no momento em que Shaul descobre-se que entre a reforma preconizada pela sua geração e a revolução defendida pela subsequente, ele acaba, a contragosto, optando pela última, a partir de sua própria experiência com a realidade latino-americana. E qual o papel da Teologia e da Bíblia na compreensão desse processo? O próprio Shaul reconhece que os esquemas teológicos e abstratos já estabelecidos não podem subsidiar em nada a compreensão desses novos



## O SAGRADO (1917)



## Karl Barth (1886 - 1968)



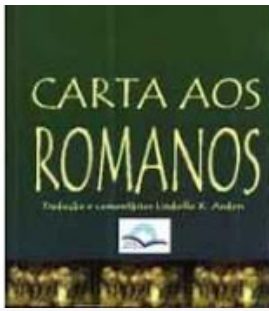
## CARTA AOS ROMANOS (1918)



tempos.

*A própria Bíblia nos fornece uma vasta variedade de conceitos e símbolos, imagens e parábolas, experiências específicas e sua interpretação. Estes são instrumentos mais adequados para comunicar a variedade e riqueza de existência histórica, dinâmica; mas nos colocam também ante um difícil problema. Só seremos capazes de conduzir um diálogo significativo, entre uma experiência histórica prévia e a presente situação, se possuímos alguns princípios de interpretação, alguma formulação conceptual da significação principal daquela experiência em relação à nossa própria. Portanto, precisamos correr o risco de desenvolver um princípio hermenêutico, reconhecendo que nenhum princípio semelhante será inteiramente adequado, e que se deve ser objeto de constante reexame e revisão. No centro do Velho Testamento está a peregrinação do povo de Israel do Êxodo e escravidão à Terra Prometida e liberdade. No Novo, está um movimento do primeiro para o segundo Adão, do nosso presente estado para a nova humanidade. Isto sugere que a existência histórica é uma luta constante em prol de libertação, no meio da qual o homem é repetidamente surpreendido por novas possibilidades de significação e realização – na vida individual e coletiva. Quando olhamos para a realidade contemporânea, partindo desta perspectiva, muitos elementos surgem que me parecem significativamente relevantes para nossas reflexões presentes sobre revolução.***[14]**

De novo, como em Gutiérrez, Walter Altmann, Milton Schwantes e Leonardo Boff, encontramos os três elementos que compõe o princípio clássico de toda reflexão teológica baseada na teologia da Libertação. A *práxis*, a partir da combinação do pensamento e ação fecundos, isto é, uma reflexão que resulta em ação transformadora **[15]**, uma proposta hermenêutica que subsidie essa visão de mundo por meio de uma interpretação histórica da Bíblia e da realidade messiânica tornando-a imanente. E finalmente, a aplicação das ferramentas e referenciais marxistas, ainda que com reservas. *O marxismo*, escreve Shaul, *tem uma resposta clara. Fala da configuração do futuro com confiança. Afirma que a história está inevitavelmente caminhando para uma maior humanização e fornece fortes bases racionais para sua maior interpretação histórica. Porém, é por demais esquemático e rígido, deposita confiança demais na racionalidade da história e termina por ser completamente determinista. **[16]** O cristianismo “expressou a convicção de que alguma coisa de positivo estava acontecendo no processo histórico de confiança em face de acontecimentos espantosos e complexos. Implicou em que o homem pode adquirir alguma compreensão do que está sucedendo em volta dele, e portanto, trabalhar por maior inteligibilidade sem necessitar cair numa visão-universal total por segurança. Pode agir de um modo que, ele espera, contribuirá para o bem-estar do homem sem aguardar até que toda evidência se mostre e sem um esquema total de fatos para garantir os resultados de seus esforços.”**[17]** *É a compreensão do messianismo como um evento histórico, um evento que se realizará na história após o esgotamento de todas as possibilidades humanas. A própria crucificação é um exemplo indicativo de que a comunidade primitiva percebeu que algo estava acontecendo quando Estado e “igreja” (exatamente como no texto) se juntaram para eliminar o messias* **[18]**. É um fato potencialmente revolucionário (e daí o fato de o pensamento de Shaul ser também conhecido como *Teologia da Revolução*) já que coloca os cristãos em sua fraqueza e esperança messiânica de um lado e os poderes humanos do outro, que cedo em breve ruirão com a vitória final daqueles que foram envolvidos no vértice dos acontecimentos relacionados à morte do Messias e sua aparente derrota temporal, mas que crêem com esperança na redenção no processo histórico. O cristianismo, portanto, é uma condição potencialmente revolucionária e mais revolucionária ainda em sua passividade operosa, em sua confiança esperançosa do devir, na medida em que essa convicção exerce influência sobre pessoas já que as instituições – e para Shaul as instituições religiosas estão entre elas na medida em que representam ou apóiam o *stabilimsh**



## Emil Brunner (1889 - 1966)



## TEOLOGIA DA CRISE (1928)



## Dietrich Bonhoeffer (1906 - 1945)



vigente – representam a perpetuidade do antigo homem, o homem da lei, da piedade e da religião. Da mesma forma que o Messias de despiu de sua autoridade e poderes cósmicos, o homem deve se despir de todos os seus arquétipos, de toda a sua auto-confiança colocada em instituições e valores. A revolução começa pela transformação do ser porque embora queira mudar o mundo, ela é individual em sua essência já que é antes de tudo, um ato de consciência.

### O teólogo luterano brasileiro Walter Altmann



### Críticas à Teologia da Libertação

Vamos agora examinar as três principais críticas à Teologia da Libertação. Não que na verdade não haja

outras, elas podem ser encontradas em toda parte, sobretudo na Economia, na Sociologia e na Política. Mas no caso da Teologia que nos interessa, vamos focar somente três. A dos fundamentalistas, a de Joseph Ratzinger/Bento XVI e a de Jürgen Moltmann.

**A crítica fundamentalista** – essa crítica pode ser encontrada entre os grupos evangélicos e católicos mais conservadores e diz respeito basicamente ao enfoque dado por esses teólogos ao ecumenismo e à reflexão marxista, mas no caso fundamentalista, além da rejeição de ambos, faz-se permanentemente uma interpretação dualista (e na verdade quase maniqueísta) entre o mundo comunista então representado pela URSS e seus antigos satélites do Pacto de Varsóvia, e o ocidente capitalista sob égide norte-americana. Essa reflexão representa o cerne da crítica fundamentalista da qual o melhor exemplo é sem dúvida o artigo já citado de Abrahão de Almeida, de 1984, ano em que, coincidentemente, se transfere para os EUA [19].

Abrahão de Almeida começa seu artigo citando outro do *Jornal da Tarde*, de S.Paulo (19/09/83) a respeito da suposta influência de organizações religiosas norte-americanas no financiamento de grupos evangélicos pentecostais e fundamentalistas na sua atividade de proselitismo na América Latina, não somente rejeitando essa acusação feita na época pela CNBB como ainda afirmando que o crescimento dessas igrejas se deve ao vazio deixado pela própria igreja católica em diversos setores da sociedade e por fim acusa a igreja católica (o JT entende que o catolicismo brasileiro em particular, bem como o latino-americano como um todo, incorporaram as bandeiras da Teologia da Libertação de forma dogmática) de ter perdido o foco de sua missão de terem excluído outros elementos de sua pregação como os não pobres e principalmente os ricos. Ora, como diz Almeida, ninguém gosta de ser pobre, só intelectual gosta de pobre, a situação de pobreza em nada é edificante e por isso, *se pudesse fazer sua opção o pobre optaria pelo enriquecimento* [20].

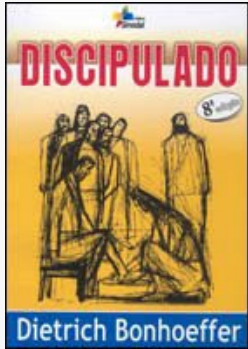
Contudo, tanto Almeida como o JT se esquecem que desde os anos 60 as campanhas de evangelização de Billy Graham na América Latina já eram feitas com o apoio dos governos militares sob influência direta norte-americana, intermediada por meio de organizações interdenominacionais sediadas naquele país e que nos países onde se deram as cruzadas o momento político

se caracterizava pelo da ditadura militar.[21] Além disso, não podemos nos esquecer do fato de que durante o Regime Militar a única voz pentecostal que se ergueu contundentemente tanto contra o arbítrio como na defesa de personalidades perseguidas. inclusive Dom Hélder Câmara. foi o fundador da





## DISCIPULADO (1937)



## VIDA EM COMUNHÃO (1939)



## Rudolf Bultmann (1884 - 1976)



NOVO TESTAMENTO E MITOLOGIA (Manifesto Hermenêutico) 1941

## Paul Tillich (1886 - 1965)



Igreja Brasil para Cristo, Manoel de Mello. O silêncio ominoso das igrejas pentecostais naquele momento dramático da história do país, é infelizmente um ônus que o pentecostalismo carregará até o final dos tempos. [22] .

Voltando ao texto de Abrahão de Almeida, o articulista permanece a todo o momento dialogando com o artigo do jornal paulista, agora procurando refutar a suposta influência marxista na CNBB bem como sua crítica ao "modo de vida americano".

*A aspiração máxima de todo proletário é tornar-se um bom burguês. Sob esse aspecto a CNBB ilude-se ao supor que conquista grandes simpatias repudiando como um mal o nível de vida das classes médias norte-americanas. Por outro lado, a democracia é um regime político umbilicalmente ligado ao capitalismo, que é, por sua vez, um fruto da Reforma da qual provêm grande parte das seitas cuja disseminação inquieta a entidade episcopal (...) de nossa parte, vemos com grande agrado essa disseminação, na esperança que, como aconteceu na Europa, ela crie condições para o advento entre nós do verdadeiro capitalismo e de instituições políticas mais perfeitas, pois se caíssemos sob um regime correspondente ao gosto da CNBB, estaríamos condenados a ser uma imensa Nicarágua [23] .*

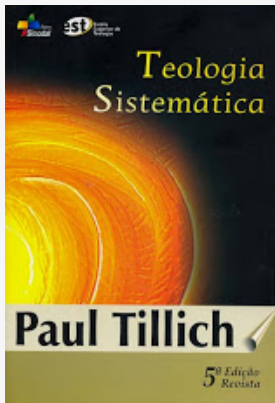
Abrahão de Almeida revela nesse extrato não só que desconhece por completo a evolução histórica e teológica da Teologia da Libertação, como até mesmo a própria história. A posição da Igreja Católica no momento em que esse texto foi escrito já era conhecida de toda gente inclusive do Jornal da Tarde que mui aleivosamente não menciona. Mas vamos recordá-la. Em Puebla (1979) o episcopado católico latino-americano já havia condenado com veemência toda e qualquer forma de materialismo, inclusive o marxista:

*Oposto ao liberalismo econômico de forma clássica e em luta permanente contra suas conseqüências injustas, o marxismo clássico substituiu a visão individualista do homem por uma visão coletivista, quase mecânica do mesmo. a meta existencial do ser humano coloca-se no desenvolvimento das forças materiais e produção. A pessoa não é originalmente sua consciência; é antes possuída de uma consciência social. Despojada do arbítrio interno que lhe pode assinalar o caminho da realização pessoal, recebe suas normas de comportamento unicamente daqueles que são responsáveis pelas mudanças estruturas sócio-político-econômicas. Desconhece, portanto, os direitos humanos, especialmente o direito à liberdade religiosa que está na base de todas as liberdades. Desta forma, a dimensão religiosa cuja origem estaria nos conflitos da infra-estrutura econômica, se orienta para uma fraternidade messiânica sem relação com Deus. Materialista e ateu, o humanismo marxista reduz o ser humano, em última instância, às estruturas externas. [24]*

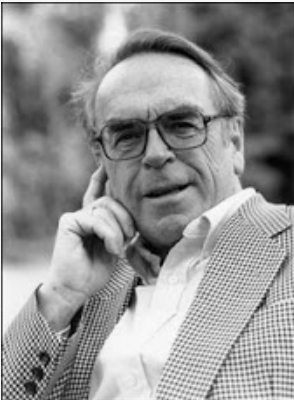
A rejeição do marxismo vai no mesmo caminho da rejeição da sociedade de consumo. É uma sociedade igualmente idólatra na qual os bens e os valores são colocados em ordem de prioridade em detrimento da vida espiritual e dos valores éticos do povo. Essa visão consumista é tão nefasta e tão impraticável quando a marxista pois ambas se colocam a favor do humanismo mais grotesco e transformam o homem em verdadeiro refém moral da matéria (os bens) ou de outros homens (pela ideologia), além de representarem um sinal de onde pode se antever o começo da influência da Teologia da Prosperidade no meio pentecostal, uma teologia, tão ou ainda mais hedionda que a Teologia da Libertação. Além disso, a comparação do pensamento da CNBB com o movimento sandinista nicaraguenho não se encontra lastreada nem pelo posicionamento ideológico do catolicismo latino-americano em Puebla, nem pelo comportamento norte-americano evidenciado ainda nos anos 80 com o escândalo Irá - Contras, que provou claramente que o dinheiro estadunidense financiou uma guerrilha contra-revolucionária para desestabilizar a nação nicaraguenha. Ao corroborar essa tese, o pastor assembleiano infelizmente está corroborando a afirmação da entidade



## TEOLOGIA SISTEMÁTICA (1951 - 1963)



## Jürgen Moltmann (1926 - )



## TEOLOGIA DA ESPERANÇA (1964)



episcopal de que o pentecostalismo está intrinsecamente ligado em suas relações institucionais ao governo norte-americano, o que pode ser perigoso pelas implicações antinacionais e alienizantes daí decorrentes.

Além disso, Abrahão de Almeida também revela desconhecimento do conceito de pobre estabelecido em Puebla. A igreja precisa viver a pobreza não porque deva ser pobre, ela é também uma atitude de abertura confiante em Deus com uma visão simples, sóbria e austera que aparta a tentação da cobiça e do orgulho. *A pobreza evangélica põe-se em prática também pela comunicação e participação dos bens materiais e espirituais; não por imposição mas pelo amor, para que a abundância de uns remedeie a necessidade dos outros. A igreja se alegra por ver em muitos filhos seus, sobretudo da classe média mais modesta, a vivência concreta desta pobreza cristã* [25]. Para o pensamento de Puebla, o pobre não é uma situação mas um estado, embora o pobre deva se libertar de sua condição de privação e marginalização, é sobretudo um modelo de vida, a rejeição do materialismo e da sociedade de consumo. Desse modo, a conferência coloca a pobreza como um desafio (na medida em que se busca romper a privação e falta de direitos), mas também de uma opção comunitária, na rejeição do capitalismo de consumo e da economia de mercado, isto é, retomam-se o tema socialista abordado onze anos antes, mas sem o viés ideológico, situando-se a pobreza como uma espécie de vocação no âmbito da comunidade cristã.

Assim, no conceito de Puebla, o pobre tem de ser libertado da penúria e da privação forçada em direção a um estado de dignidade. A pobreza cristã torna-se um estado digno porque nele o homem vive dignamente na posse dos seus recursos, sem ostentações que exaltem a luxúria. A não compreensão desse pensamento anula por completo a reflexão do pastor assembleiano sobre o que é a Teologia da Libertação. "No mundo de hoje, esta pobreza é um desafio ao materialismo e abre as portas a soluções alternativas das sociedades de consumo" [26] O texto a seguir é ainda mais exemplificativo:

*Para viver e anunciar a exigência da pobreza cristã, a igreja deve rever suas estruturas e a vida de seus membros, sobretudo dos agentes de pastoral, com vistas a uma conversão efetiva.*

*Esta conversão traz consigo a exigência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor, já que na sua ação evangelizadora, a igreja contará mais com o ser e o poder de Deus e de sua graça, do que com o "ter mais" e o poder secular. Assim apresentará uma imagem autenticamente pobre, aberta a Deus e ao irmão, sempre disponível, onde os pobres têm capacidade real de participação e são reconhecidos pelo valor que tem* [27].

Essa posição também não encontra subsídio nos escritos confessionais dos reformadores, em especial Lutero e Calvino. O pensamento desse último pode ser considerado exemplificativo. Em Calvino, o homem somente deve buscar as coisas que representam a vontade de Deus e que são feitas para louvar a glória Dele (...) pois quando a Escritura nos ordena que renunciemos a nossa razão individual, não arranca de nosso coração somente a cobiça de possuir, a afetação do poder, o reconhecimento dos homens, mas também a ambição e todo apetite de glória humana e outras pestes mais secretas. [28] o homem piedoso, no conceito de Calvino, não se apetece e nem cogitarão outro modo de prosperar que não seja pela vontade e bênção do Senhor. [29] Logo a seguir ele faz essa afirmação que nos dias de hoje, em que a igreja leveda em sua maior parte na Teologia da Prosperidade, parece um eco distante de um passado muito remoto:

*Logo, se acreditarmos que toda razão de um sucesso próspero e desejável reside apenas na bênção de Deus, sem a qual nos espera todo tipo de miséria e calamidade, só nos resta não aspirar cobiçosamente a honras e riquezas, quer apoiados na habilidade e no zelo de nosso próprio engenho, quer amparados no favor dos homens, quer confiados na vil imaginação da fortuna: mas que nos voltemos sempre para Deus a fim de sermos guiados*



## O ESPÍRITO DA VIDA (1991)



## SOU MEMBRO



União dos Blogueiros Evangélicos



Comunidade Nacional de Blogueiros Cristãos

## LINKS RELACIONADOS

ARMINIANISMO  
BÍBLIA CATÓLICA ON LINE  
BÍBLIA EVANGÉLICA ON LINE  
CENTRO APOLOGÉTICO CRISTÃO DE PESQUISAS  
CENTRO DE FORMAÇÃO TEOLÓGICA  
(CEFORTE) INSCRIÇÃO PARA CURSOS DE TEOLOGIA (MODULAR, PRESENCIAL E EAD)  
IGREJA METODISTA DO BRASIL  
IGREJA METODISTA LIVRE  
IGREJA METODISTA WESLEYANA  
IGREJA METODISTA WESLEYANA 3ª REGIÃO

fortuna, mas que nos vortemos sempre para Deus a fim de sermos guardados por Seus auspícios à sorte que Ele nos previu. Assim, dar-se-á primeiro que não nos lancemos à captura de riquezas e à busca de honras por meio ilícitos, ou com dolos, com más artes ou com rapacidade e com injúria ao próximo. Mas busquemos somente a fortuna que não nos afasta da inocência. Pois quem espera o auxílio da bênção de Deus entre fraudes, pilhagens e outras artes de iniquidade? Pois como ela não ajuda senão aos que pensam com pureza e agem com correção, afasta todos aqueles que a desejam do pensamento oblíquo e das ações perversas. Então, ela será para nós como um freio, para não ardermos ambiciosamente por honras. (...) em suma, aquele que descansar na bênção de Deus, como foi dito, nem tentará alcançar com más artes essas coisas que costumam ser furiosamente desejadas pelos homens, acerca das quais pensará que de nada lhe hão de servir; e se algo lhe resultar prosperamente não o imputará a si mesmo ou a seu empenho, industria e fortuna, mas reconhecerá a Deus como autor. E que se os negócios dos outros florescem, ao passo que os dele pouco avançam ou antes até retrocedem, suportará sua pobreza com maior tranqüilidade e moderação do que algum profano suportaria um sucesso mediocre que não corresponda a seu desejo. Porque o crente teria um consolo em que repousasse mais tranqüilamente do que no cúmulo da opulência ou no ápice do poder. Porque considera que as coisas são ordenadas pelo Senhor para sua salvação. [30]

Em suma, para o reformador francês, a verdadeira riqueza está em seguir a vontade de Deus, mas por outro lado ela não é condição determinante de salvação ou mesmo de felicidade já que dificilmente o homem rico pode, no meio do seu fausto, desfrutar a felicidade. Ela pode ser concedida ao cristão, mas também pode não ser. E mesmo não a concedendo, o cristão deve continuar louvando a Deus porque é Ele e não a riqueza que o sustenta. Só quem renunciou a Deus vai entender que só Deus e não o homem irá gerir a sua vida em todas as suas partes, inclusive na riqueza ou na pobreza, mas sempre lhe sustentando. A própria luta do homem por poder e riqueza funciona na verdade como um impeditivo pois mostra ao verdadeiro cristão que a opção por tais coisas equivalerá num retrocesso do seu espírito e em verdadeira idolatria e luxúria. Assim, o verdadeiro cristão, segundo a ética calvinista, será cristão independentemente de ser pobre ou rico. Se enriquecer, dará a Deus toda a glória pois a riqueza procede Dele. Se viver na pobreza também porque é Deus quem sustenta. *A regra da piedade é essa: só a mão de Deus é árbitra e moderadora da boa ou da má fortuna. E ela não atua por ímpeto inconsiderado, mas reparte nossos bens e nossos males ao mesmo tempo, segundo a mais ordenada justiça.* [31] assim, o cristão deve viver sua vida em permanente submissão à Deus seja no opróbrio e miséria, seja na fartura da riqueza já que ambas emanam da Sua vontade onipresente. Toda a privação é assim enfrentada dessa forma, seja a fome, a perda de entes queridos ou a proximidade da morte. O cristão irá se submeter à vontade Daquele cujo poder uma vez se colocou a si e a todas as suas coisas. [32] O verdadeiro cristão, segundo a ética calvinista, o demonstrará na pobreza e no sofrimento resignado, entendendo isso como vontade de Deus que, não obstante, a tudo lhe ajuda suportar.

### O teólogo e historiador metodista cubano Justo Gonzalez

As posições de Lutero são ainda mais complexas. Se a Reforma abriu caminho para o



IGREJA METODISTA WESLEYANA EM COHAB II  
IGREJA METODISTA WESLEYANA EM TAUBATÉ  
INSTITUTO BÍBLICO DAS ASSEMBLÉIAS DE  
DEUS IBAD  
SERMÕES DE JOHN WESLEY 1  
SERMÕES DE JOHN WESLEY 2  
SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL  
SOCIEDADE INTERNACIONAL BONHÖEFFER  
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO  
WALTER BRUNELLI ASSEMBLÉIA DE DEUS  
BEREANA

## BLOGS RECOMENDADOS

 + Compaixão

### Blog da Pastoragente

Afinal, o que é ter uma vida interessante?

Há 4 anos

#### Davar Elohim

Uma curiosidade sobre a fundação do Estado de Israel

Há um ano

### Genizah

O PASTOR E O SERMÃO DE QUEM NÃO AGUENTA MAIS O PT

Há 2 dias

### Juventude, Reflexão e Vida para se viver

Adelante!!! Mi hermano!!!

Há 4 anos

Luterano

### MISSIONÁRIOS PABLO & ARIANA

VEM AI !...

Há 5 meses

### VIVENDO TEOLOGIA διαβίωσης Θεός λόγος

A SEQUÊNCIA DA CRIAÇÃO EM ORDEM

Há uma semana

### Wilson Porte Jr.

Comunidade Wesleyana, é um blog de educação cristã voltado para a discussão de temas como história da igreja, teologia, educação cristã, sociedade, louvor, etc. Havia algum tempo que se sentia a necessidade de um espaço para que todos aqueles que estão efetivamente envolvidos com a questão do ensino pudessem expressar suas idéias e trazerem a lume suas contribuições acadêmicas com vistas ao aprimoramento espiritual e crescimento intelectual dos membros da nossa denominação e demais comunidades do Povo de Deus que estão envolvidas nessa espinhosa seara que é a educação teológica e cristã.

Com o crescimento que a igreja de Cristo

tem presenciado nos últimos anos, essa missão é um imperativo, mas urgia que fosse feita num canal adequado que possibilitasse a liberdade de opinião, cruzamento de idéias e amplitude de debates. Evidentemente os espaços criados

capitalismo como diz Abrahão de Almeida e (até certo ponto) Max Weber, então Lutero jamais poderia condenar a usura e o livre comércio, dois pressupostos do sistema econômico capitalista. E no entanto é exatamente isso o que ele faz. Em *Comércio e Usura* (1524), Lutero atira para todos os lados. O livre comércio destruiu as manufaturas têxteis alemãs pois o tecido inglês era mais barato. Portugal, que detinha o monopólio das especiarias da Índia porque controlava as rotas de comércio, enriquecia a custa do empobrecimento dos demais países, inclusive os principados alemães. A Feira de Frankfurt era um ralo por meio do qual todo ouro e prata alemães saiam para fora do império, em direção a outros mercados e países [33]. Essas posições dizem respeito a um homem que do ponto de vista de sua época está tão longe do capitalismo quanto do romanismo. Lutero é um homem de transição e em alguns aspectos ainda pensa como um homem da idade média, ou nesse caso, ao advogar o sistema mercantilista, como um homem de sua própria época, da Idade Moderna, ele não inova em absolutamente nada. Toda a crítica que Lutero faz da usura é eivada do pensamento medieval que concebe todo o processo econômico como sendo algo estritamente planejado e corporativo, onde a remuneração do serviço prestado deve considerar também as necessidades dos consumidores e as censuras eclesiásticas. *Os comerciantes tem uma regra comum entre si, que é seu lema principal e fundamento de todo o negócio. Eles dizem: posso vender minha mercadoria tão caro quanto pude. Aham que este é um direito deles. Ai se dá espaço à ganância e se abrem todas as portas e janelas para o inferno. Que é isso senão dizer: eu não me preocupo com o próximo? Se tenho meu lucro e satisfação minha ganância, que importa que prejudique o próximo dez vezes de uma só feita? (...) pois quando o olho do vilão e o ganancioso insaciável dele percebe que a gente depende de sua mercadoria, ou que o comprador é pobre e dela carece, ele se aproveita e eleva o preço; ai não considera o valor da mercadoria ou o serviço que presta com seu esforço e risco, mas apenas a necessidade e carência do próximo; não para vir em seu auxílio, mas para dela tirar proveito, aumentar o preço da mercadoria que, em condições normais, certamente deixaria no mesmo valor, caso não houvesse a carência ao próximo. E assim, por causa da sua ganância, a mercadoria precisa custar tanto mais quando maior for a necessidade do próximo, de modo que a necessidade do próximo acaba definindo o preço e valor da mercadoria.*[34] Tudo para ele se resolve por meio do tabelamento e do instituto do preço justo que seja suficientemente para possibilitar o sustento do comerciante bem como a subsistência da população. Ocorre, porém, que mesmo Lutero sabe a composição do preço do produto leva em consideração como a logística e o custo para a sua aquisição e revenda e que terão de ser repassados ao consumidor final, ainda mais se houver a falta desse produto no mercado local resultando nesse fenômeno até pouco tempo muito conhecido de todos nós chamado carestia [35]. A tabela de preços, no entanto, resolve para ele todos os problemas. A mesma coisa vale para a usura: precisa ser tabelada e é tamanha a sua ojeriza pela prática do rendimento dos juros que ele chega a dizer que os praticantes dessa arte da remuneração do dinheiro *não são gente, mas lobos e bichos irracionais, que não acreditam existir um Deus.* [36] Em suma, para Lutero, o comércio tem que ser planejado de acordo com a vontade de Deus sacramentada na Escritura sendo banida imediatamente qualquer pretensão do comerciante em buscar uma remuneração maior ao seu produto, bem como a usura desenfreada. Esses são pensamentos de um homem da Idade Média bombardeado pelas mudanças econômicas e sociais advindas do Renascimento e da "descoberta" do Novo Mundo e não de um precursor do capitalismo moderno.

Ruben Alves.



É realmente de lamentar que



dentro dos seminários por mais amplos que sejam, não possuem nem a dimensão que esse debate exige, nem proporcionam a sua amplitude, isto é, que ele ultrapasse os limites da Igreja Local e da denominação, já que se propõe a reunir diversos grupos.

**Comunidade Wesleyana** vem, assim, com a esperança de contribuir para se solucionar esse problema. É um blog evangélico onde doutrina, história da igreja, educação cristã, louvor e comunidade serão tratados com a merecida ênfase que todos esses temas requerem.

seis princípios fundamentais:

1 - Interconfessionalidade: está aberto não só a wesleyanos mas a comunidades de outros ministérios.

2 - Edificação: os materiais que serão postados na **Comunidade Wesleyana** tem por objetivo a educação cristã e teológica com vistas a edificação da igreja, sendo rejeitado previamente qualquer material que fuja dessas características.

3 - **Comunidade Wesleyana** é um blog evangélico leigo, e em princípio, os leigos são chamados a participar, o que não impede que pastores (e bispos) também enviem matérias e dêem a sua colaboração.

4 - **Comunidade Wesleyana** segue todos os artigos doutrinários estabelecidos pelos Concílios da Igreja Metodista Wesleyana.

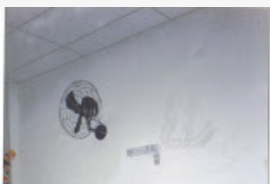
5 - **Comunidade Wesleyana** não pretende ser um material alternativo a nenhuma literatura evangélica usada em nossa denominação e nem tem essa pretensão. É somente um blog evangélico de discussão de temas ligados ou não à vida da comunidade evangélica.

6 - **Comunidade Wesleyana** é um blog de discussão. Não pretende doutrinar nem conjecturar sobre doutrinas ou ensinamentos consagrados pela Igreja, mas apenas contribuir para o desenvolvimento da cultura teológica da qual o meio evangélico, especialmente o pentecostal, sentem tanta carência.

Edson Douglas de Oliveira.

Setembro, 2008. (atualizado em 01/07/09)

## Momentos pessoais I



Abraão de Almeida também cite o diplomata J O Meira Penna na sua apologia capitalista. Meira Penna, que junto com Roberto Campos e Eugênio Gudin, constituíram a tríade liberal cujas idéias devastaram a economia brasileira nos anos 90 causando estagnação econômica, desemprego e desindustrialização[37]

apenas contribuiu para empequenecer ainda mais o seu já pobre pensamento. A supressão da pobreza realizada pelos países protestantes e citada por Meira Penna como um triunfo capitalista, é na verdade fruto de uma coalizão de interesses e, de fato, da profunda influência da Igreja na busca de um consenso que eliminasse as disparidades sociais e a permanente ameaça de uma revolução popular, o que permitiu uma maior conscientização social das elites, coisa que jamais ocorreu no Brasil e ainda menos no Regime Militar. Essa afirmação corresponde a uma extrema ignorância histórica que o diplomata referenda e o pastor assembleiano infelizmente subsidia. O historiador inglês E P Thompson lembra que a expansão comercial, a revolução industrial e o fechamento das terras comunais, um resquício feudal que ainda subsistia na Inglaterra do final do século XVIII, provocaram uma calamidade social no país do que resultaram em motins cada vez mais violentos à medida que a industrialização destruiu o modo de vida rural e jogava populações inteiras nas fábricas para viverem nas condições mais degradantes, espremidas em pardieiros e pocilgas infectas naqueles primeiros tempos da Revolução Industrial. E como o povo inglês já era conhecido em toda Europa por sua predisposição ao hulleganismo, os motins teriam de assumir um aspecto severamente sangrento especialmente em anos de fome.

*Os pobres perdiam seus direitos na terra e eram tentados ao crime pela sua pobreza e pelas medidas preventivas inadequadas. O pequeno comerciante ou mestre de ofícios era tentado à falsificação ou transações ilícitas por temor à prisão por dívidas. Quando não se podia provar o crime, as justiças de paz tinham amplos poderes para enviar o vagabundo, o malandro incorrigível, a mãe solteira para a prisão (...) esses lugares terríveis empesteados, dirigidos por funcionários corruptos cujas condições chocaram John Howard, mais do que as piores prisões. A maior ofensa contra a propriedade era não ter propriedade.[38]*

As tensões sociais na Inglaterra que emerge da Revolução Industrial podem ser perfeitamente auferidas pela quantidade de motins e pelo modo como eles expressavam as relações políticas e sociais. No nosso caso, o que nos interessa é o padrão de violência movido pela turba na luta contra a fome que podia assumir ora a forma do crime, ora de uma verdadeira sedição. O levante por pão e comida é o exemplo mais comum e tão comum que só no fim da primeira metade do século XIX foi erradicado [39]. Algumas classes como os tecelões foram potencialmente prejudicadas pela industrialização com reduções salariais praticamente contínuas depois do fim das guerras napoleônicas em 1815 e enfrentando em suas reivindicações uma repressão absurda. É praticamente consensual que o processo de industrialização feito nos moldes predatórios como se fizera, causou não só o empobrecimento de categoriais sociais inteiras como os tecelões e artífices, como ainda os reduziu à condição de mão de obra não especializada potencialmente ameaçada de desemprego e fome quando dos ciclos de baixa produção.[40]

É bem verdade que antes da Revolução Social o sistema corporativo já criara vícios de conduta entre os antigos mestres, mas com o desmoronamento desse sistema em decorrência da industrialização, houve um verdadeiro nivelamento social para baixo em detrimento da minoria detentora de capital e, conseqüentemente, dos instrumentos de poder do sistema. As agitações sociais que eclodiram em toda a Inglaterra dos primeiros anos da Revolução



IMW COHAB II SP 2003

## Momentos Pessoais II



Semana Universitária de História da Universidade Camilo Castelo Branco, UNICASTELO, maio, 2009.

## Momentos Pessoais III



Professora Sandra Regina Colucci, do curso de História da UNICASTELO, e minha orientadora de iniciação científica sobre Lutero

## V SEMANA DE HISTÓRIA DA UNICASTELO 11 de Agosto de 2011

Apresentação da monografia de Iniciação Científica "A Transição do Mundo Medieval para o Moderno no Pensamento de Martinho Lutero", para o curso de História da Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO). Premiado no evento com a segunda colocação pela avaliação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) do Ministério da Educação (MEC)

Agradecimentos: a Deus, antes de tudo, aos meus pais, à professora Sandra Regina Colucci, minha orientadora e aos amigos do curso de História da UNICASTELO, pela boa recepção a esse projeto.

Industrial até cerca de 1840, e especialmente o movimento dos luddistas (1811 - 1813) que atacava oficinas para arrebentar teares como represália ao empobrecimento de toda uma comunidade, são decorrência desse quadro de aviltamento social que só encontrou seu término nas reformas sociais realizadas na era vitoriana por Gladstone e Disraeli como consequência da percepção da dramática e explosiva situação social em que os trabalhadores menos especializados se encontravam.

Sem dúvida o Metodismo e Wesley junto com ele, contribuíram potencialmente para que a Inglaterra não submergisse no caos revolucionário como a França, mas mesmo ali, naquele momento, a questão social permaneceu sem o seu devido tratamento. Dizer que o capitalismo ou uma maior predisposição dos países protestantes contribuiu para o desaparecimento da miséria na Europa é um sofisma que não encontra correspondência na História, mesmo quando comparada a outros países protestantes já que na Alemanha, por exemplo, o regime de servidão foi abolido apenas no começo do século XIX e no caso prussiano, apenas mediante indenização dos próprios camponeses num resgate forçado que também os levou a uma situação de degradação e miséria extremas.[41] O capitalismo na verdade causou um processo de erosão social e desemprego em toda a Europa, tanto nos países católicos como nos protestantes, processo esse que só foi efetivamente tratado pelos estadistas mediante ações reformistas, mas isso somente da segunda metade do século XIX em diante.

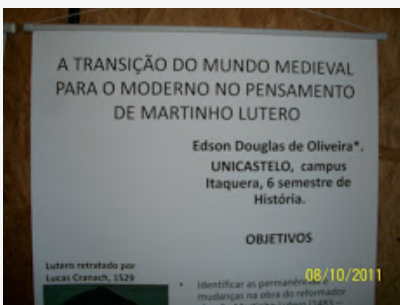
Em suma: o texto de Abrahão de Almeida não é uma crítica a altura para conseguir refutar ou anular a Teologia da Libertação. Revela desconhecimento histórico, não compreende a problemática social do continente e do Brasil em particular, desconhece os postulados teológicos básicos dessa corrente e, pior, cita como autoridade um homem cujas idéias são a causa da presente crise econômica mundial, um homem que ao acusar o arcebispo Dom Hélder Câmara de simpatizante dos regimes totalitários, omite o fato de que ele mesmo, assim como Roberto Campos e Gudin, apoiaram a derrubada pela força de um governo constitucional em 1964 sem que nada se conseguisse vincular sobre suas simpatias ideológicas, uma lenda que felizmente se desfez com o tempo. Além disso, esquece o pormenor curioso de que, sendo Dom Hélder Câmara um "simpatizante" de regimes totalitários, nunca lhe deram a chance de expressar-se sobre tais idéias já que ele foi uma das personalidades mais censuradas desse período, senão a mais censurada enquanto seus algozes - o próprio Meira Penna entre eles - usaram todos os meios de comunicação para defenestrar o arcebispo de Olinda e Recife, caluniando-o a vontade e com isso mostrando as suas reais inclinações "democráticas". Ao citar o apologista de um regime que contribuiu imensamente para aumentar o fosso social e nosso empobrecimento econômico e cultural, o pastor Abrahão de Almeida infelizmente invalidou a sua própria obra. Se Abrahão de Almeida se restringisse em sua crítica apenas ao âmbito do ecumenismo, especialmente na sua contradição em relação ao pentecostalismo, o artigo sem dúvida seria salvo, mas realmente não foi o que aconteceu.

**O bispo Metodista uruguaio Emilio Castro, no momento em que foi agraciado pelo governo chileno por sua defesa dos Direitos Humanos.**

**A crítica de Ratzinger/Bento XVI** - Uma boa crítica à Teologia da Libertação é sem dúvida a que foi feita por Iosenh



Soli Deo Gloria.



Banner do projeto de pesquisa

## SEJAM BEM VINDOS



contador de visitas

que foi feita por Joseph Ratzinger (Bento XVI) no artigo *Eu vos Explico a Teologia da Libertação*, na época em que presidia a Congregação para a Doutrina da Fé. Sua abordagem da teologia da libertação partindo do princípio hermenêutico, é talvez a mais precisa porque fere justamente no modo como essa teologia examina a Escritura e a interpreta conforme a perspectiva da práxis:



*1. A Teologia da Libertação não é um novo tratado teológico ao lado de outros já existentes, mas é uma nova interpretação do Cristianismo, que revira radicalmente as verdades da fé, a constituição da Igreja, a Liturgia, a catequética e as opções morais. 2. Todos os valores e toda a realidade são considerados do ponto de vista político. Uma teologia que não seja essencialmente política, é encarada como fator de conservação dos opressores no poder. 3 A dificuldade de se perceber esse caráter subversivo da Teologia da Libertação está, em grande parte, no fato de que os seus arautos continuam a usar a linguagem ascética e dogmática da Igreja, embora em chave nova. Isto dá aos observadores a impressão de que estão diante do patrimônio da fé acrescido de algumas afirmações religiosas que não podem ser perigosas. 4. A gravidade da Teologia da Libertação não é suficientemente avaliada; não entra em nenhum esquema de heresia até hoje existente. 5. O cristão não pode ser, de forma alguma, insensível à miséria dos povos do Terceiro Mundo. Todavia, para acudir cristãmente a tal situação, não lhe é necessário adotar um sistema de pensamento que é anticristão como a Teologia da Libertação; existe a doutrina social da Igreja, desenvolvida pelos Papas desde Leão XIII até João Paulo II de maneira cada vez mais incisiva e penetrante. Se fosse posta em prática, eliminaria graves males de que sofrem os homens, sem disseminar o ódio e a luta de classes.*

Para Ratzinger, o grande problema da Teologia da Libertação não está tão somente no modo como aborda a questão social que é um fato do qual a igreja (católica ou protestante) não podem se escusar. Os problemas evidenciados estão sobretudo no uso generalizado das ferramentas marxistas e, principalmente, nas fórmulas hermenêuticas empregadas pelos teólogos do movimento (sobretudo Jan Sobrino e Leonardo Boff) para aproximar a Bíblia de uma *teologia dos excluídos*.

*Esta resposta se apresenta totalmente diversa nas formas particulares de teologia da libertação, teologia da evolução, teologia política, etc. Não pode, pois, ser apresentada globalmente. Existem, no entanto, alguns conceitos fundamentais que se repetem continuamente nas diferentes variações e exprimem comuns intenções de fundo.*

*Antes de passar aos conceitos fundamentais do conteúdo, é necessário fazer uma observação a cerca dos elementos estruturais do teologia da libertação. Para tal, podemos retomar o que já afirmamos acerca da situação teológica mudada após o Concílio (Vaticano II) Como já disse, leu-se a exegese de Bultmann e da sua escola como um enunciado da "ciência" sobre Jesus, ciência que devia obviamente ser considerado como válida. O "Jesus histórico" de Bultmann, entretanto, apresentava-se separado por um abismo (o próprio Bultmann fala de "Graben", fosso) do Cristo da fé.(...). A figura de Jesus foi erradicada da sua colocação na tradição por ação da ciência, considerada como instância suprema; deste modo, por um lado, a tradição pairava como algo de irreal no vazio, e, por outro, devia-se procurar para a figura de Jesus uma nova interpretação e um novo significado. Bultmann, portanto, adquiriu importância não tanto pelas suas afirmações positivas quanto pelo resultado negativo da sua crítica: o núcleo da fé, a cristologia,*

permaneceu aberto a novas interpretações porque os seus enunciados originais tinham desaparecido, na medida em que eram considerados historicamente insustentáveis.

Ao mesmo tempo desautorizava-se o magistério da Igreja, na medida em que o consideravam preso a uma teoria cientificamente insustentável e, portanto, sem valor como instância cognoscitiva sobre Jesus. (...) Além disso, Bultmann foi importante para o desenvolvimento posterior de uma segunda palavra-chave. Ele trouxe à moda o antigo conceito de hermenêutica, conferindo-lhe uma dinâmica nova. Na palavra "hermenêutica" encontra expressão a idéia de que uma compreensão real dos textos históricos não acontece através de uma mera interpretação histórica; mas toda interpretação histórica inclui certas decisões preliminares. A hermenêutica tem a função de "atualizar", em conexão com a determinação de dado histórico. Nela, segundo a terminologia clássica, se trata de um "fusão dos horizontes" entre "então" [naquele tempo] e o "hoje". Por conseguinte, ela suscita a pergunta: o que significa o então "naquele tempo", nos dias de hoje? O próprio Bultmann respondeu a esta pergunta servindo-se da filosofia de Heidegger e interpretou, deste modo, a Bíblia em sentido existencialista. Tal resposta, hoje, não apresenta mais algum interesse; neste sentido Bultmann foi superado pela exegese atual. Mas permaneceu a separação entre a figura de Jesus da tradição clássica e a idéia de que se pode e se deve transferir essa figura ao presente, através de uma nova hermenêutica. A este ponto, surge o segundo elemento, já mencionado, da nossa situação: o novo clima filosófico dos anos sessenta.

A análise marxista da história e da sociedade foi considerada, nesse ínterim, conto a única dotada de caráter "científico", isto significa que o mundo é interpretado à luz do esquema da luta de classes e que a única escolha possível é entre capitalismo e marxismo. Significa, além disso, que toda a realidade é política e que deve ser justificada politicamente.

O conceito bíblico do "pobre" oferece o ponto de partida para a confusão entre a imagem bíblica da história e a dialética marxista; esse conceito é interpretado com a idéia de proletariado em sentido marxista e justifica também o marxismo como hermenêutica legítima para a compreensão da Bíblia. Ora, Segundo essa compreensão, existem, e só podem existir, duas opções; pai isso, contradizer essa interpretação da Bíblia não é senão expressão do esforço da classe dominante para conservar o próprio poder, Gutierrez afirma: "A luta de classes é um dado de fato e a neutralidade acerca desse ponto é absolutamente impossível". A partir daí, torna-se impossível até a intervenção do magistério eclesiástico: no caso em que este se opusesse a tal interpretação do Cristianismo demonstraria apenas estar ao lado dos ricos e dos dominadores e contra os pobres e os sofredores, isto é, contra o próprio Jesus, e, na dialética da história, aliar-se-ia à parte negativo. Essa decisão, aparentemente "científica" e "hermeneuticamente" indiscutível, determina por si o rumo da ulterior interpretação do Cristianismo, seja quatro às instâncias interpretativas, seja quatro aos conteúdos interpretados.

No que diz respeito as instâncias interpretativas, os conceitos decisivos são: povo, comunidade, experiência, história. Se até então a Igreja, isto é, a Igreja Católica na Sua totalidade, que, transcendendo tempo e espaço, abrange os leigos (sensus fidei) e a hierarquia (magistério), fora a instância hermenêutica fundamental, hoje tornou-se a "comunidade" tal instância. A vivência e as experiências da comunidade determinam agora a compreensão e a interpretação da Escritura.(,,). Essa síntese original de acontecimento e interpretação pode ser dissolvida e reconstruída sempre de novo: a comunidade "interpreta" com a sua "experiência" os acontecimentos e encontra assim sua "práxis". Esta idéia, podemos encontrá-la em modo um tanto diverso do conceito de povo, com o qual se transformou a acentuação conciliar da idéia de "povo de Deus" em mito marxista. As experiências do "povo" explicam a Escritura. "Povo" torna-se assim um conceito apostado ao de "hierarquia" e em antítese a todas as instituições indicadas como forças da opressão. Afinal, é "povo" quem participa da "luta de classes"; a "igreja popular" acontece em oposição à Igreja hierárquica.

Por fim, o conceito de "história" torna-se instância hermenêutica decisiva. A opinião, considerada cientificamente segura e irrefutável, de que a Bíblia raciocine em termos exclusivamente de história da salvação, e portanto de maneira anti-metafísica, permite a fusão do horizonte bíblico com a idéia



maneira anti-metafísica. permite a fusão do horizonte bíblico com a ideia marxista da história que procede dialeticamente como autêntica portadora de salvação; a história é o autêntica revelação e portanto a verdadeira instância hermenêutica da interpretação bíblica. Tal dialético é apoiado, algumas vezes, pela pneumatologia. (...) Pode-se dizer que o conceito de história absorve o conceito de Deus e de revelação. A "historicidade" da Bíblia deve justificar o seu papel absolutamente predominante e, portanto, deve legitimar, ao mesmo tempo, a passagem para a filosofia materialista-marxista, na qual a história assumiu a função de Deus.

Com isto, chegamos aos conceitos fundamentais do conteúdo da nova interpretação do Cristianismo. Uma vez que os contextos nos quais aparecem os diversos conceitos são diferentes, gostaria de citar alguns deles, sem a pretensão de esquematizá-los.

Começamos pela nova interpretação da fé, da esperança e da caridade. Com relação a fé, por exemplo, J. Sobrinho afirma: "a experiência que Jesus tem de Deus é radicalmente histórica. "A sua fé converte-se em fidelidade". Por isso Sobrinho substitui fundamentalmente o fé pela "fidelidade à história" (Fidelidad a la Historia, 143-144). "Jesus é fiel à profunda convicção de que o mistério da vida do homem ... é realmente o último" ... (144).

Aqui produz-se aquela fusão entre Deus e história que dá a Sobrinho a possibilidade de conservar para Jesus a fórmula de Calcedônia, ainda que com um sentido completamente mudado; pode-se ver como os critérios clássicos da ortodoxia não são aplicáveis à análise dessa teologia, Ignacio Ellacuria, na capa do livro sobre este assunto, afirma: Sobrinho "diz de novo ... que Jesus é Deus, acrescentando, porém, imediatamente, que o Deus verdadeiro é somente aquele que se revela historicamente em Jesus e nos pobres, que continuam a sua presença. Somente quem mantém unidas essas duas afirmações, é ortodoxo ...". A esperança é interpretada como "confiança no futuro" e como trabalho pelo futuro; com isso ele é subordinado novamente ao domínio da história das classes. "Amor" consiste na "opção pelos pobres", isto é, coincide com a opção pela luta de classes.

Os teólogos da libertação sublinham com força, diante do "falso universalismo", a parcialidade e o caráter partidário da opção cristã; tomar partido é, segundo eles, requisito fundamental de uma correta hermenêutica dos testemunhos bíblicos. Na minha opinião, aqui se pode reconhecer muito claramente a mistura entre uma verdade fundamental do Cristianismo e uma opção fundamental não cristã, que torna o conjunto tão sedutor: o sermão da montanha é, na verdade, a escolha por parte de Deus a favor dos pobres. Mas a interpretação dos pobres no sentido da dialética marxista da história e a interpretação da escolha partidária no sentido da luta de classes é um salto "eis allo genos" (grego: para outro gênero), no qual as coisas contrárias se apresentam como idênticas. O conceito fundamental da pregação de Jesus é o de "reino de Deus". Este conceito encontra-se também no centro das teologias da libertação, lido porém no contexto da hermenêutica marxista. Segundo J. Sobrinho, o reino não deve ser compreendido espiritualmente, nem universalmente, no sentido de uma reserva escatologicamente abstrata. Deve ser compreendido em forma partidária e voltado para a práxis. (...)

Neste contexto gostaria de mencionar também a interpretação, impressionante e definitivamente espantosa, que Sobrinho dá da morte e da ressurreição. Antes do mais, ele estabelece, contra as concepções universalistas, que a ressurreição é, em primeiro lugar, uma esperança para aqueles que são crucificados; estes constituem a maioria dos homens: todos aqueles milhões aos quais a injustiça estrutural se impõe como uma lenta crucifixão (176 e seguintes). O crente, no entanto, participa também do senhorio de Jesus sobre a história, através da edificação do reino, isto é, na luta pela justiça e pela libertação integral, na transformação das estruturas injustas em estruturas mais humanas. Esse senhorio sobre a história é exercitado ao se repetir o gesto de Deus que ressuscita Jesus, isto é, dando novamente vida aos crucificados da história (181). O homem assumiu o gesto de Deus e aqui a transformação total da mensagem bíblica se manifesta de maneira quase trágica (...) A palavra redenção é substituída geralmente por libertação, a qual, por sua vez, é compreendida, no contexto da história e da luta de Classes, como processo de libertação que avança, por fim, é fundamental também a acentuação da práxis: a verdade não deve ser compreendida em sentido metafísico; trata-se de "idealismo". A verdade

*realiza-se na história e na práxis, A ação é a verdade. Por conseguinte, também as idéias que se usam para ação, em última instância são intercambiáveis.*

*A única coisa decisiva é a práxis. (...). Pode-se, pois, compreender como esta nova interpretação do Cristianismo atraia sempre mais teólogos, sacerdotes e religiosos, especialmente no contexto dos problemas do terceiro mundo. Subtrair-se a ela deve necessariamente aparecer aos olhos deles como uma evasão da realidade, como uma renúncia à razão e à moral. Porém, de outra parte, quando se pensa o quanto seja radical a interpretação do Cristianismo que dela deriva, torna-se ainda mais urgente o problema do que se possa e se deva fazer frente a ela[42]*

Desse modo fica evidenciado que a Teologia da Libertação não pode ser inserida num contexto hermenêuticamente cristão e bíblico uma vez que suas ferramentas hermenêuticas – seja o marxismo ou o existencialismo de sabor bultmanniano – não apenas rejeitam o caráter apologético da salvação e a inserção da mensagem do Cristo em outros e mais elevados patamares, como até mesmo questionam o próprio sentido histórico dessa mensagem conforme nos é legada pela própria Palavra que a testifica e confessa bem como pela tradição histórica subsequente que a acompanha como axioma. Na verdade, toda a hermenêutica aplicada nessa teologia é fortemente demiúrgica onde conceitos, palavras e idéias, mesmo quando preservadas em seu sentido original, são reinterpretadas e relidas dentro de um outro e revolucionário conceito que simplesmente ignora a práxis (se nos for permitido usar o termo) da própria Igreja no seu processo histórico. Por outro lado, fica patenteado que a interpretação hermenêutica sugerida no âmbito dessa teologia politiza de tal forma a questão social que, virtualmente, coloca os pobres e os oprimidos no centro de uma suposta teologia bíblica quando na verdade a mensagem da fé aponta tão somente para Cristo e para, por meio da Sua mensagem, o pecador ter consciência plena do plano de Deus de regeneração e salvação, deixando por fim, de haver uma palavra de fé condicionada ao arrependimento e a mudança de caráter, mas tão somente uma pregação político-ideológica de viés teológico, e mesmo assim não muito nítida tamanha a ênfase política da sua mensagem. Em outras palavras, não há qualquer espaço para a pregação para arrependimento de pecados de acordo com a mensagem cristã, no terreno da hermenêutica dos teólogos da libertação, além do que, a sua noção de pecado está tão ligada a desigualdade social e as injustiças, que nos leva a crer que no catálogo dos teólogos da libertação todos os demais que fazem parte do corpus paulino – avareza, inveja, fornicção, lascívia, etc – foram, de algum modo, abolidos por eles. Em suma, não há espaço para a regeneração ou a santificação na hermenêutica da teologia da libertação, exceto no que diz respeito ao entendimento dessa regeneração no que diz respeito à justiça social e correção das distorções sociais e econômicas. A questão social é e deve sempre ser uma questão da igreja, mas tão importante quanto ela é a questão do direito à vida e a liberdade de opinião e de expressão que definitivamente passam ao largo da práxis marxista ou derivada, como a História tem sobejamente demonstrado.

Cumpra, todavia, lembrar: a teologia da libertação não é uma heresia, pelo menos no sentido que possamos definir usualmente esse termo precisamente pelo fato de que, como Ratzinger/Bento XVI observou, ela não rejeita nem os postulados históricos da Igreja e nem mesmo as doutrinas bíblicas, mas as interpreta por meio de uma chave nova, ou seja, buscando a práxis da libertação do oprimido com o uso de uma hermenêutica e uma exegese que são, sem dúvida, extremamente heterodoxas.

Além disso, Ratzinger ao dar ênfase ao pensamento e o trabalho exegético de Bultmann, se esquece de que não foi ele, mas Joaquim Jeremias o exegeta referencial da Teologia da Libertação latino-americana, em grande parte pelo fato de que sua *Teologia do Novo Testamento* do qual ele só conseguiu publicar o 1º volume, já era conhecida no Brasil desde a década de 70 (1977). Até Günther Bornkhamm cujo *Jesus de Nazaré* foi editado no Brasil na mesma época (1975) era mais conhecido e usado no trabalho exegético dos teólogos latino-americanos do que a obra do exegeta de Marburgo. Como lembra o doutor Cottfield, Professor da Escola Superior de Teologia de

lembra o doutor Gottfried Brakemeier da Escola Superior de Teologia de S. Leopoldo (RS), *Jeremias constrói a fé sobre o Jesus Histórico, convicto de que a metodologia histórica seria capaz de provar a messianidade do Nazareno. Por isso mesmo, a proclamação da comunidade posterior está integralmente prefigurada em sua pregação e atuação. Jeremias é crítico em suas análises, mas conservador em seus resultados, sendo o Jesus Histórico a medida do evangelho. Onde se sofre sob opressão histórica e cativeros babilônicos, a exemplo do que ocorre na América Latina, tal posição logicamente atrai mais simpatias do que a de Bultmann.* [43] Bultmann, vale lembrar, só teve a sua obra magna traduzida para o português em 2004.

**A crítica de Jürgen Moltmann** – Em 1977 Moltmann veio pela primeira vez para o Brasil a fim de participar de uma série de encontros e palestras em vários seminários e instituições de ensino evangélicas em todo o país, e mais especialmente, para conhecer o trabalho social que D. Hélder Câmara estava realizando na arquidiocese de Olinda e Recife. Seguiram-se outras duas viagens, em 1989 a El Salvador, onde travou contato Ignácio Ellacuria e visitou a Universidade Jesuíta (Jon Sobrino não estava no país na ocasião). Em 1991, visitou a Nicarágua onde palestrou no Seminário Evangélico CIEETS de Manágua, e onde desde então tem retornado de dois em dois anos para seminários, palestras e conferências [44]. Dessa maneira os contatos entre Moltmann e os teólogos da libertação começaram efetivamente no final dos anos 70 e assim, só podemos falar de uma relação entre Teologia da Esperança e Teologia da Libertação (quando for possível fazer essa associação) a partir desse momento. O momento político aziago e o caráter institucional com que a Teologia da Libertação era ensinada em numerosos centros causaram um impacto no teólogo alemão que entreteve um diálogo tenso, embora produtivo, com essa corrente.

Para Moltmann, a questão apresentada pela reflexão dos teólogos da libertação era como se pensar numa teologia da libertação sem pensar numa teologia para os opressores, pois o mandamento de Cristo é que o Evangelho seja pregado para todas as pessoas e classes sociais, sem exclusões, o que poderia resultar em sectarismo ou na falsa idéia de que a Palavra de Deus não é para todos os homens.

*Se na Europa e nos Estados Unidos da América nós queremos levar a sério a "teologia latino-americana" da libertação dos oprimidos, devemos desenvolver uma teologia da libertação dos opressores. Afinal, como a humanidade pode ser liberta da desgraça da opressão, do descaso e da exploração, se a liberdade rumo a uma humanidade comum não é tomada como tarefa por ambas as partes? Entretanto, os dois lados não são iguais – os oprimidos vêem a sua liberdade como auto-evidente; mas para os opressores ela não o é. O ressurgimento dos oprimidos é uma tarefa messiânica de Jesus Cristo. A outra é fazer com que os cegos tornem a enxergar* [45].

A volta da Escatologia ao centro da Teologia Cristã é o reencontro de um tema ligado às origens históricas e à fé dos primeiros cristãos, mas correspondia também uma necessidade de uma época em que os permanentes conflitos urgiam de respostas existenciais a angustias latentes, sendo que seu resgate marca uma reviravolta no pensamento teológico produzido a partir da segunda metade do Para Moltmann, a Teologia da Libertação ligara

*O conceito histórico de Deus ao conceito escatológico do Reino de Deus. O Deus da história está a caminho para o seu reino. Crer em Deus significa esperar pelo seu reino. O Reino de Deus transformando o mundo a nossa frente passa a ser mais importante do que o céu da religião acima de nós. Sua profecia supera o fatalismo religioso e chama à vida aquela liberdade*

que, ultrapassando o presente, caminha em direção ao futuro [46]

Para Moltmann, a teologia que pretende servir ao próximo deverá ser fundamentalmente uma teologia que liberte o homem do seu jugo para, por meio da harmonia com Deus, o conduzir à verdadeira liberdade [47]. Contudo, Moltmann condiciona a Teologia da Libertação à aceitação da liberdade pessoal, pois sem direito à liberdade de fé, não existirão a liberdade de religião e nem a de consciência,[48] mas tão somente o totalitarismo ideológico. *Uma teologia da libertação é essencialmente escatológica, está voltada para a esperança do Dia do Senhor, da realização da Sua promessa. Na história política muitas vezes os povos foram "libertados" de uma escravidão por outra escravidão. Na fé, porém, é experimentada como uma libertação para a liberdade (...). Para a fé cristã, a verdadeira liberdade não consiste nem na compreensão de uma necessidade cósmica ou histórica, nem no dispor de uma autonomia sobre si próprio e sobre sua propriedade, mas sim no ser tocado pela energia divina da vida e no ter parte nela. Na confiança no Deus do Êxodo e da Ressurreição o crente experimenta esta força de Deus que liberta e desperta, e dela se torna participante. A Deus todas as coisas são possíveis, por isso, tudo é possível para quem crê (Mc 9.23). Deus revela suas forças criadoras nessas ocorrências históricas, e as pessoas envolvidas são penetradas por elas [49]*

Desse modo, o pensamento de Moltmann entende uma teologia da libertação, se for possível usar desse modo tal termo, como uma libertação plena de todas as partes, do oprimido da sua opressão e do opressor daquele desejo de oprimir. É uma teologia que fala com todos os segmentos e que não se prende a fundamentalismos totalitários que é justamente o maior equívoco da teologia da libertação latino-americana, como já vimos. Não se poderá falar numa libertação do oprimido sem falar também na libertação do opressor, sobretudo a libertação do desejo de oprimir. Moltmann revela assim nessa crítica que o marxismo como instrumento hermenêutico é desfavorecido pela sua própria práxis histórica, mesmo quando a proposta da Teologia da Libertação seja, como Richard Shaull advoga, a plena libertação do indivíduo para a liberdade cristã, mas aqui também entendida sob uma premissa revolucionária e que não deixa, em último caso, de ser também marxista já que a práxis marxista é essencialmente a da revolução. Para Moltmann, a justificação das vítimas da opressão, da morte e do genocídio precede por direito a justificação dos seus algozes e é por meio dessa justificação mútua que, ainda segundo o teólogo alemão, passaremos a viver um mundo mais justo na terra [50]. Compreender o outro em sua totalidade e em sua condição de pecadores já que ambos, opressores e oprimidos vivem em pecado é certamente uma das contribuições mais brilhantes à crítica da Teologia da Libertação porque retoca a idéia da salvação pela incorporação do crente – isto é, aquele que crê porque vive e sofre a injustiça ou porque se converte de sua condição opressora – pelo poder libertador da Palavra. Somente a Palavra liberta, tudo o mais é aderente a ela.

### Conclusões finais

A Teologia da Libertação latino-americana parte de uma reflexão tomada de empréstimo do marxismo, tal como a Teologia da Esperança mas diferente dessa última segue um dualismo quase maniqueísta entre opressores e oprimidos, pobres e ricos, libertos (aqueles que foram despertados da sua condição) e os cativos (os que ainda subjazem nela). A superação dessa dualidade se dá pela uniformização das relações sociais (Gutiérrez) ou pelo enfrentamento das questões sociais até a redenção do homem na terra. Embora a Teologia da Esperança de Moltmann e a Teologia da Revolução de Richard Shaull sigam essa linha de pensamento, os caminhos aos quais elas chegam são completamente distintos já que a Teologia da Esperança compreende esse novo tempo na terra por meio da libertação dos opressores em favor do reconhecimento da injustiça e da morte mediante ao reconhecimento do seu pecado opressor.

Por isso a reflexão teológica tendo por objetivo uma intervenção direta do

nomem em suas estruturas socio-econômicas, so pode conceber Deus por meio de uma ação imanente na História. o apocaliptismo é imediatamente substituído por uma visão integralizada na História.

O processo histórico é concebido como um processo escatológico. O futuro restaurado se transforma no horizonte escatológico e assume a condição de evento histórico segundo a vontade de Deus a ação consciente do homem que age na história buscando a sua salvação mediante a ação libertadora da opressão do mundo.

Nesse sentido, a Teologia da Libertação é sem dúvida uma teologia materialista pois como o marxismo, concebe a ação do homem na história e não na fé, já que até mesmo a fé é compreendida como um processo histórico auferido pela própria experiência da práxis, tendo ele assim o ser humano as chaves da transformação da história, enquanto a fé no seu sentido bíblico se transforma simplesmente em alienação.

Nesse sentido, ainda que descartando todo o resto, procede em certa parte a crítica de Abrahão de Almeida à CNBB já que esta ao desqualificar as denominações pentecostais que pregam a vida pela fé em Jesus Cristo, lembra com razão que este é o discurso neotestamentário da comunidade primitiva. Mesmo quando concebe a escatologia, tal como outros termos dogmáticos em sua reflexão teológica, a Teologia da Libertação as relê mediante a idéia da *práxis*, transformando assim a mensagem escatológica e apocalíptica do AT e do NT num discurso dialético e a esperança messiânica na salvação e na regeneração num discurso político aonde a superação humana é auferida pela sua capacidade de superar suas próprias limitações organizacionais e existenciais e aceitar a inevitabilidade da luta de classes. A *Parousia* se torna assim um patrimônio do proletariado, tal como no marxismo quando este passa a controlar o Estado, em detrimento do discurso bíblico que lembra-nos que a mensagem de Cristo não é exclusiva, dirige-se a todos os homens, quer salvar a todos os seres humanos.

Com o desabamento do marxismo, a Teologia da Libertação entrou em xeque e perdeu sua vitalidade criadora e que já era contestado em sua própria época mediante os abusos totalitários dos regimes marxistas, sendo esse referencial substituído em tempos mais recentes pelos discursos ecológicos. Contudo, ainda é cedo para se dizer que a Teologias da Libertação fora finalmente banida do cenário teológico e do pensamento ocidental uma vez que as questões sociais por ela apontadas continuam, lamentavelmente, muito atuais. Acima de tudo, numa época de alienação como a nossa e com a igreja evangélica cada vez mais influenciada por tendências constantinianas, é pouco provável que possamos dizer que essa proposta teológica tenha sido de fato substituída por outra de melhor quilate, quando vemos que o que se está fazendo com a Igreja é simplesmente torná-la vassala de uma idolatria sutil porém tão pernicioso quanto aquela vivida por Lutero, a idolatria do dinheiro, do consumismo fácil, da ganância e da luxúria, idolatrias que, bem ou mal eram combatidas pela Teologia da Libertação e hoje são sequer mencionadas mesmo nos púlpitos das mais influentes igrejas pentecostais. Só poderemos dizer que a Teologia da Libertação e sua mensagem foram definitivamente superadas quando a igreja acordar para o fato de que a realidade social em praticamente nada mudou em relação àquela vista pelos teólogos da libertação dos anos 60 e 70, mas ao contrário, piorou sensivelmente nos últimos vinte anos em decorrência da omissão do Estado e do imobilismo "neoliberal", assim como a responsabilidade da Igreja de pregar contra a idolatria materialista que hoje está diretamente associada ao egoísmo individualista do capitalismo de mercado. Enquanto o materialismo estiver de posse de nossas igrejas vendendo seu evangelho idólatra da prosperidade, não será possível dizermos que não há mais Teologia da Libertação.

#### **NOTAS:**

[1] REILY Duncan Alexander. História Documental do Protestantismo no Brasil, p. 319 - 322. Essa declaração de Soren no Jornal Batista (31/05/1964) é significativa: *a Igreja, a ser fiel à sua missão, não poderá*

*aliar-se a organizações ou movimentos políticos, ideológicos ou partidários, mesmo quando tais correntes desfraldam bandeiras e ostentam legendas que afinem com os ideais da Igreja e o Evangelho.*

[2] ALTMANN Walter. Lutero e Libertação, p. 55.

[3] [http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod\\_noticia=7288&cod\\_canal=46](http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=7288&cod_canal=46) acesso 08/11/09.18:30.

[4] LONGUINI NETO Luiz. O Novo Rosto da Missão, p. 142.

[5] Ibidem, p. 143.

[6] [http://www.geocities.com/mec\\_mexico/112600\\_rubem.html](http://www.geocities.com/mec_mexico/112600_rubem.html) acesso 05/11/09 06:35.

[7] [http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod\\_noticia=7288&cod\\_canal=46](http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=7288&cod_canal=46) acesso 05/11/09 06:36.

[8] [http://www.ecclesia.com.br/revistadet1.asp?cod\\_artigos=667](http://www.ecclesia.com.br/revistadet1.asp?cod_artigos=667) acesso. 05/11/09 06:43.

[9] DANIEL Silas, A Sedução das Novas Teologias, p. 158.

[10] OGLESBY Carl & SHAULL Richard. Reação e Mudança, p. 215.

[11] Ibidem, p.216.

[12] Ibidem, p.259.

[13] Ibidem, p. 216.

[14] Ibidem, p. 259.

[15] Ibidem, p. 220.

[16] Ibidem, p. 259.

[17] Ibidem, p. 260.

[18] Ibidem, p. 261

[19] Sobre Abraão de Almeida, um perfil razoável pode ser encontrado no seu verbete em ARAÚJO Isael, *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 12 – 13.

[20] MENSAGEIRO DA PAZ (artigos históricos), vol.3. Quem tem medo dos crentes?, Fevereiro, 1984, p. 38 – 39.

**[21]** LONGUINI Neto. O Novo Rosto da Missão, p. 155 – 156. Também já abordamos esse assunto no post precedente “o Que é Teologia da Libertação II”, 03/11/09.

**[22]** REILY Duncan Alexander, ob cit, p. 374 - 378. Há também um verbete dedicado a Manoel de Mello em ARAUJO Isael, Dicionário do Movimento Pentecostal, p. 805 - 806, onde o autor se deteve particularmente nas perseguições que sofrera na justiça, sem mencionar seu ativismo político no período ditatorial.

**[23]** MENSAGEIRO DA PAZ, ob cit, p. 39.

**[24]** A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina (Puebla: conclusões), p. 155 – 156.

**[25]** Ibidem, p.310.

**[26]** Ibidem, p.310.

**[27]** Ibidem, p. 311.

**[28]** CALVINO João. A Instituição da Religião Cristã (Institutas), vol.2, III, 7.8.

**[29]** Ibidem, vol.2, III, 7.8.

**[30]** Ibidem, vol.2, III, 7.9.

**[31]** vol.2, III, 7.10.

**[32]** vol.2, III, 7.10.

**[33]** LUTERO Martinho. Obras Completas vol.5 (Comércio e Usura), p. 378.

**[34]** Ibidem, p. 379.

**[35]** Ibidem, p. 380 – 381.

**[36]** Ibidem, p. 426 – 427.

**[37]** Sobre o impacto da “globalização” na economia brasileira e latino-americana, ver o post O que é Teologia da Libertação I, 24/10/09.

**[38]** THOMPSON E P. A Formação da Classe Operária Inglesa, vol.1, p. 64 – 65.

[39] Ibidem, p. 65.

[40] Ibidem, vol.2, p. 127 – 133.

[41] ANDERSON Perry. Linhagens do Estado Absolutista, p.270 – 271.

[42] <http://www.veritatis.com.br/article/4734> acesso 08/11/09, 17:26.

[43] BULTMANN Rudolf. Teologia do Novo Testamento (apresentação), p. 21.

[44] MOLTMANN Jürgen. Vida, Esperança e Justiça, p. 17 – 19.

[45] Ibidem, p. 71.

[46] MOLTMANN Jürgen. O Espírito da Vida, p. 112.

[47] Ibidem, p. 115.

[48] Ibidem, p. 116

[49] Ibidem, p. 115

[50] MOLTMANN Jürgen. Vida, Esperança e Justiça, p. 79

#### **BIBLIOGRAFIA:**

**ARAÚJO** Isael. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro, CPAD, 2007.

**A EVANGELIZAÇÃO NO PRESENTE E NO FUTURO DA AMÉRICA LATINA** (Puebla: conclusões) S.Paulo, Loyola, 1979.

**ANDERSON** Perry. Linhagens do estado Absolutista. 3.ed. S.Paulo, Brasiliense, 2004.

**ARAÚJO** Isael de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro, CPAD, 2007.

**CALVINO** João. A Instituição da Religião Cristã (Institutas). S.Paulo, editora da UNESP, 2007.

**DANIEL** Silas. A Sedução das Novas Teologias. Rio de Janeiro, CPAD, 2007.

**LONGUINI** Neto Luiz. O Novo Rosto da Missão. Viçosa, Ultimato, 2002.

**LUTERO** Martinho. Obras Seleccionadas, vol.5. S.Leopoldo, Sinodal, Porto Alegre, Concórdia, 1995.



**MENSAGEIRO DA PAZ**, Artigos Históricos, vol.3. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

**MOLTMANN** Jürgen. O Espírito da Vida. Petrópolis, Vozes, 1999.

– Vida, Esperança e Justiça. S.Bernardo do Campo, EDITEO, 2008.

**OGLESBY** Carl & **SHAULL** Richard. Reação e Mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

**REILY** Duncan Alexander. História Documental do Protestantismo no Brasil. 3 ed. S.Paulo, ASTE, 2003.

**THOMPSON** E P. A Formação da Classe Operária Inglesa, vol.1, 4 ed. S.Paulo, Paz e Terra, 2004; vol.2, 4 ed. S.Paulo, Paz e Terra, 2002

Postado por [Professor Edson Douglas de Oliveira](#) às 00:56

### 3 comentários:

 [Peixe disse...](#)

Não tive tempo de degustar seu texto. SA´[o dei uma espiadinha.mas, assim que puder, vou digeri-lo por inteiro. Tornei-me seu seguidor e coloqueio no meu blog. Que tal fazer o mesmo comigo caro amigo. A URL dele é a seguinte:<http://moisespeixoto.blogspot.com>  
O Blog do DesProf.Peixoto.  
Será uma honra tê-lo por perto.  
Obrigado.

[5 de novembro de 2010 22:01](#)



[Arnaldo Ribeiro disse...](#)

#### REVELAÇÃO/EXORTAÇÃO

Urge difundirmos na terra a certeza de que Jesus Cristo já vive agindo entre nós, espargindo a luz do saber em sí, criando Irmãos Espirituais, e a nova era Cristã. Eu não minto, e a Espiritualidade que esperava pela sua volta, pode comprovar que digo a verdade. Por princípio, basta recompormos as 77 letras e os 5 sinais que compõe o título do 1º. livro bíblico, assim: O PRIMEIRO LIVRO DE MOISÉS CHAMADO GÊNESIS: A CRIAÇÃO DOS CÉUS E DA TERRA E DE TUDO O QUE NÊLES HÁ: Agora, pois, todos já podem ver que: HÁ UM HOMEM LENDO AS VERDADES DO SEU ESPÍRITO: ÊLE É O GÊNIO CRIADOR QUE ESSA AÇÃO DE CRISTO: (LC.4.21) - Então passou Jesus a dizer-lhes: Hoje se cumpriu a escritura que acabais de ouvir: (JB.14.17) - O Espírito da verdade que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem conhece, vós o conheceis; porque Ele habita convosco e estará em vós.(MT.14.27) - Tende ânimo! Sou Eu: Não temais: (JB.2.5) - Fazei tudo o que Ele vos disser, (JB.5.27) - porque é o Filho do Homem: (JÓ.9.19) - Se se trata da força do poderoso Ele dirá: Eis-me aqui: Regozijai-vos e fazei jus ao poder que o Nosso Espírito traz às Almas Justas, para a formação da verdadeira Cristandade.

(MT.26.24) - O FILHO DO HOMEM VAI, COMO ESTÁ ESCRITO A SEU RESPEITO, MAS AI DAQUELE POR INTERMÉDIO DE QUEM O FILHO DO HOMEM ESTÁ SENDO TRAIIDO! MELHOR LHE FÔRA NÃO HAVER NASCIDO:

E, ao recompormos as 130 letras e os 7 sinais que compõem esse texto, todos já podem ler, saber, e entender quem é o Filho do Homem:

E O FILHO DO HOMEM É O ESPÍRITO QUE TESTA AS ALMAS DO HOMEM E DA MULHER, NA VERDADE DO SENHOR, COMO CRISTO: E EIS A PROVA QUE O FILHO DO HOMEM FOI TREINADO NA LEI CRISTÃ:

(MC.14.41) - Chegou a hora, o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores: E hoje, quem desejar interagir conosco na obra comum da nossa criação, precisa fundamentar-se n`A Bibliogênese de Israel; que já está disponível na internet (Editora Biblioteca 24x7). E quem não quiser, pode continuar vivendo de esperança vã, assistindo passivamente a agonia da vida terrena, à par da auto-destruição do nosso planeta...

[7 de abril de 2011 13:16](#)

**e Arnaldo Ribeiro disse...**

E O VERBO ENCARNADO JÁ SE CONSAGRA NA AÇÃO DO FILHO DO HOMEM:

(2Rs.21.10) - ENTÃO O SENHOR FALOU POR INTERMÉDIO DOS PROFETAS, SEUS SERVOS, DIZENDO: APRESSAMOS-NOS A CONSAGRAR A AUTO-REVELAÇÃO DE CRISTO, NA NOSSA EXORTAÇÃO; (Is.30.12) - PELO QUE ASSIM DIZ O SANTO DE ISRAEL:

(AP.1.10/11) Achei-me em Espírito no dia 30.09.1985, e ouvi por detrás de mim grande voz como de trombeta, dizendo:: (TB.7.7) - Abençoado sejas, filho meu, porque és filho de um Homem de bem e virtuosíssimo;

(1SM.9.20) - e para quem está reservado tudo o que é precioso em Israel:

(GN.27.43) - Agora, pois, meu filho, ouve o que te digo: (DT.6.6) - Estas

palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; (EZ.28.6) pois que

estimas o teu coração, como se fora o coração de Deus: (IS.22.4) -

Portanto digo: (SL.20.4) - Conceda-te segundo o teu coração, e realize

todos os teus desígnios; (LS.15.3) - porque conhecer-te é a consumada

justiça, e o saber a tua justiça e o teu poder, é a raiz da imortalidade.

(SL.119.130) - A REVELAÇÃO das tuas palavras esclarece, e dá

entendimento aos simples: (GN.28.15) Eis que Eu estou contigo, e te

guardarei por onde quer que fores...

(LC.20.9) - A seguir passou Jesus a proferir ao povo esta parábola:

(GN.1.5) - CHAMOU DEUS A LUZ DIA, E AS TREVAS NOITE: HOUVE TARDE E MANHÃ, O PRIMEIRO DIA: (AR.59.5)

(GN.43.23) - Ele disse:(2TS.1.3) - Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus, no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce

sobremaneira e o vosso mutuo amor de uns para com os outros vai

aumentando: (JB.6.27) - Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela

que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará;

porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo: (GL.1.9) E assim como já

dissemos, agora repito: (JB.14.6) - Eu sou o caminho a verdade e a vida;

ninguém vem ao Pai, senão por mim: (JS.23.14) - Eis que, hoje, já sigo

pelo caminho de todos os da terra; (1CO.15.45) - pois assim está escrito,

segundo a recomposição das 59 letras e dos 5 sinais que compõem a

parábola acima, a saber:

DEUS ESPIRITUALIZOU O HOMEM: ENTÃO, HA UM CRISTO NA ERA, HA A VERDADE E VIDA: (IL.59.5)

(MT.21.33) - Atentai noutra parábola:

(EZ.) - EZEQUIEL: A VISÃO DOS QUATRO QUERUBINS: (ES.5.2) - É AZUL:

(AR.37.5)

(HB.13.22) - Rogo-vos, ainda, irmãos, que suporteis a presente

EXORTAÇÃO que vos escrevi resumidamente; (1TS.2.3) - pois a NOSSA

EXORTAÇÃO não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em

EXORTAÇÃO não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo; (2CO.2.17) - porque nós não estamos como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus: (JB.8.12) - Eu sou a luz do mundo: Quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida: (1SM.12.3) - Eis-me aqui: Testemunhai recompondo as 37 letras e 5 sinais da parábola acima, gerando o testemunho do Verbo Divino, que diz: O QUE NÃO QUIS TER BOA VIDA QUIS SER LUZ: E É A LUZ: (IL.37.5)

[31 de agosto de 2012 08:23](#)

[Postar um comentário](#)

[Postagem mais recente](#)

[Página inicial](#)

[Postagem mais antiga](#)

Assinar: [Postar comentários \(Atom\)](#)